

O SIGNIFICADO DA RESSURREIÇÃO

O ceticismo religioso moderno questiona: “Sobreviveremos à morte com nossas consciências intactas?” Nem Paulo nem os coríntios fizeram essa pergunta. A religião popular entre judeus e gregos presumia que a consciência individual sobreviveria à morte física. A preocupação de Paulo era mais específica. Ele defendeu a ideia de que, após morrerem, os remidos em Cristo viverão numa forma corpórea com o Senhor no reino celestial de Deus. A ideia central é de uma forma corpórea. A própria palavra “ressurreição” indica que o corpo que jaz no túmulo se levantará, assim como Jesus Se levantou do túmulo.

Paulo diferenciou o cristianismo da religião grega popular quando insistiu que a volta do Senhor e o fim da era cristã serão acompanhados de uma ressurreição de corpos. Ao mesmo tempo, ele concebeu que a natureza desse corpo será diferente do corpo carnal (15:42, 43). O apóstolo não alegou estar apto para responder todas as perguntas sobre a ressurreição; porém insistiu que falar de um “corpo” imaterial, como de um fantasma, seria uma contradição de termos.

Embora a religião grega não fosse avessa ao ponto de vista de que os mortais sobreviverão à morte, os pontos de vista gregos tradicionais eram consideravelmente diferentes dos conceitos dos judeus contemporâneos de Paulo. Na obra literária *A Odisseia*, o herói confronta os mortos, que “vivem numa longa noite de melancolia”¹. Odisseu (Ulisses) encontra uma cena angustiante de espíritos e sombras desejando os sacrifícios dos mortais. Quase toda vida no mundo do sol e da chuva era considerada preferível ao reino sombrio do Inferno (ᾗδης, *hadēs*), o lugar

dos mortos. Embora o hebraico שְׁאוֹל (*sh‘ol*) tenha diferentes nuances no Antigo Testamento, Ezequiel falou da moradia dos mortos de modo não muito diferente do *hadēs* do pensamento grego. Ela era entendida como um lugar sombrio para onde iam reis pagãos e seus súditos depois de serem assassinados pelos bons (Ezequiel 32:18–21). Na ressurreição, declarou Paulo, a vida será saudável e ao mesmo tempo isenta das incertezas e tristezas desta era.

Por séculos, os gregos estavam acostumados a introduzir em seu panteão novos deuses trazidos de outras culturas. Julgaram impossível fazer isso com o Deus dos judeus. O Pai de Jesus Cristo era diferente das divindades gregas no sentido de que Ele alegou ser exclusivamente Deus. Para muitos gregos, isso era ofensivo. Consideravam os judeus incrivelmente arrogantes nas alegações que faziam a respeito do seu Deus.

Alguns cristãos coríntios com raízes na cultura grega demoraram, compreensivelmente, para abandonar seus velhos deuses. Foram relutantes em romper totalmente com a antiga vida comunitária, em que sacrifícios e refeições dentro dos templos eram importantes (8:9, 10; 10:14). Quando os ex adoradores dos deuses gregos aceitaram Cristo como Senhor, entenderam que o monoteísmo fazia parte da nova aliança que estavam firmando; porém encontraram dificuldade para abandonar o pensamento filosófico grego. Este estava impregnado de uma visão de mundo difícil de ser descartada. A ideia de vida após a morte era importante para essa visão de mundo. Desavenças entre noções gregas e cristãs sobre a vida após a morte eram inevitáveis.

Desde 7:1, Paulo esteve respondendo perguntas que a igreja coríntia enviou-lhe numa carta entregue por três de seus membros (16:17). Ele se reportou a essas perguntas usando as palavras “quanto a”, “no

¹Homero, *A Odisseia* 11. Quase todo o Livro 11 descreve o encontro com o mundo dos mortos.

que se refere a” e “a respeito de” (7:1; 8:1; 12:1). Parece que o apóstolo finalmente chegava agora à última pergunta dos coríntios; era sobre a ressurreição dos mortos. A importância que Paulo deu a essa pergunta pode tê-lo avançar até ela sem registrar a fórmula introdutória que ele tinha usado anteriormente.

Outra possibilidade é que ele evitou a expressão porque a carta que recebeu dos coríntios não continha essa pergunta sobre a ressurreição. Nesse caso, o apóstolo deve ter ficado sabendo pelos da casa de Cloe (1:11), ou pelos três portadores da carta ou por outra fonte, que havia, em Corinto, pontos de vista divergentes. Todavia, seus esforços sistemáticos para tratar as questões abordadas desde o capítulo 7 em diante podem sugerir que as preocupações com a ressurreição também estavam entre as perguntas dos coríntios.

CRISTO RESSUSCITOU (15:1–11)

¹Irmãos, venho lembrar-vos o evangelho que vos anunciei, o qual recebestes e no qual ainda perseverais; ²por ele também sois salvos, se retiverdes a palavra tal como vo-la preguei, a menos que tenhais crido em vão.

³Antes de tudo, vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, ⁴e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. ⁵E apareceu a Cefas e, depois, aos doze. ⁶Depois, foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez, dos quais a maioria sobrevive até agora; porém alguns já dormem. ⁷Depois, foi visto por Tiago, mais tarde, por todos os apóstolos ⁸e, afinal, depois de todos, foi visto também por mim, como por um nascido fora de tempo. ⁹Porque eu sou o menor dos apóstolos, que mesmo não sou digno de ser chamado apóstolo, pois persegui a igreja de Deus. ¹⁰Mas, pela graça de Deus, sou o que sou; e a sua graça, que me foi concedida, não se tornou vã; antes, trabalhei muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo. ¹¹Portanto, seja eu ou sejam eles, assim pregamos e assim crestes.

Paulo insistiu que a fé em Cristo nos faz confiantes de que Ele ressuscitou dos mortos e de que Ele voltará. A própria ressurreição de Cristo foi a garantia de que os salvos por Ele também sairão do túmulo (15:20). Quando Ele aparecer pela segunda vez, os mortos em Cristo ressuscitarão e a vida eter-

na começará de uma forma corpórea. A revelação é que não há salvação sem a ressurreição corpórea de Jesus. Ela é uma das verdades que constitui a pedra fundamental do cristianismo. A divindade e a morte de Jesus por nós foram confirmadas pela ressurreição. Essa verdade é inegociável. Ela é a pedra fundamental na qual os cristãos se apoiam firmemente².

Versículo 1. Fundamentais para o **evangelho** que Paulo e seus companheiros haviam **anunciado** em Corinto foram os ensinamentos de que Deus ressuscitou Jesus dos mortos para reinar à direita de Deus e de que Jesus um dia voltará. O apóstolo conduziu suavemente suas exortações. O ponto inicial de sua exposição sobre a ressurreição dos mortos foi um lembrete aos coríntios de que eles haviam depositado a fé no Deus único que Se revelou em Seu Filho Jesus Cristo. Eles foram salvos porque **perseveraram** com Paulo; eles receberam o evangelho que ele anunciou (*τὸ εὐαγγέλιον ὃ εὐηγγελισάμην ὑμῖν, τὸ euangelion ho euēngelisamēn humin*, “o evangelho que eu vos anunciei”). A mensagem do apóstolo era inflexível; não concordava com o pensamento religioso grego. Quando Jesus voltar, haverá uma ressurreição geral e um julgamento dos vivos e dos mortos (veja 2 Coríntios 5:10). Paulo fez seus amigos cristãos de Corinto se lembrarem do vínculo que unia todos eles numa mesma esperança e num mesmo propósito.

A questão da ressurreição dos mortos, insistiu Paulo, deveria fazer parte da confissão de fé cristã. Os coríntios que negavam a ressurreição dos mortos não estavam contestando um detalhe ínfimo ou uma questão de opinião; a dúvida deles estava desmoronando o fundamento do reino de Deus. Os cristãos daqueles dias, assim como nós, apoiam-se na crença central de que Jesus de Nazaré era o Messias há tanto tempo prometido. Deus declarou que Jesus é o Seu Filho ressuscitando-o dos mortos como as primícias dos que dormem (Romanos 1:4; 1 Coríntios 15:20). Para todos os seres humanos, Jesus é a porta de reconciliação com Deus. Porque o túmulo de Cristo estava vazio, a ressurreição corpórea já havia começado. Num sentido, os cristãos já haviam começado a participar da ressurreição dos mortos. Questionar a ressurreição equivalia a negar a fé em Cristo.

Versículo 2. Empregando uma expressão grega

²Ben Witherington III, *Conflict and Community in Corinth: A Socio-Rhetorical Commentary on 1 and 2 Corinthians*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1995, p. 299.

(τίμι λόγῳ εὐηγγελισάμην ὑμῖν εἰ κατέχετε, *tini logō euēngelisamēn humin ei katechete*, “por ele também sois salvos, se retiverdes a palavra tal como vo-la preguei”; 15:2a, b), Paulo lembrou os coríntios que foi através da mensagem que ele lhes anunciou que eles foram salvos. Viver continuamente entre os remidos dependia de permanecerem na confissão que aceitaram. Paulo fizer a sua parte anunciando a verdade. Ao depositarem a fé em Cristo, os coríntios fizeram a parte deles. O fundamento que Paulo e os coríntios lançaram juntos desmoronaria a menos que eles aderissem à confissão que haviam feito. Certas forças estavam seduzindo os crentes de Corinto, plantando dúvidas de que a vida após a morte era uma possibilidade. Se eles não permanecessem firmes na confissão que haviam feito desde o começo, a esperança em Cristo não se realizaria; teriam **crido em vão**. A mensagem que resultou na salvação confirmava a ressurreição dos mortos. Foram salvos por meio do que Paulo anunciou; creram na mensagem dele. A ressurreição corpórea não era um fato incidental no evangelho; ela era um fato central.

No decurso das décadas seguintes, a contínua luta que os crentes gregos tiveram com a ideia de uma ressurreição do corpo manifestou-se de várias formas. Alguns, evidentemente, supunham que, ao se tornarem cristãos, alcançaram uma ressurreição espiritual, não literal, dos mortos. Talvez porque haviam entendido mal alguns ensinamentos de Paulo (por exemplo, Romanos 6:4). Alguns podem ter acreditado em mestres como Himeneu e Fileto, que defendiam que a ressurreição já havia acontecido (2 Timóteo 2:17, 18). Tendo sido ressuscitados da morte do pecado no momento do batismo, seus espíritos, diziam eles, viveriam no céu; mas a vida em corpo estava reservada para este mundo. Aparentemente, ninguém em Corinto havia entendido assim o ensino de Paulo; mas alguns estavam lutando para entender como um corpo ressurreto viveria num mundo espiritual. As sementes que levaram aos falsos ensinamentos de Himeneu e Fileto já haviam sido semeadas.

Versículo 3. Paulo estabeleceu a confissão básica, o ponto inicial, da fé cristã, para os seus irmãos coríntios. Suas palavras resumem a única coisa semelhante a um credo encontrada no Novo Testamento: o evangelho de Cristo. Assim como Deuteronômio 26:5–9 era um ponto fundamental da confissão de fé do povo de Israel³, a crença básica

³Gerhard von Rad argumentou que Deuteronômio 26:5–

para os cristãos é que Cristo morreu por nossos pecados, foi sepultado e ressuscitou dos mortos pelo poder de Deus. A expressão ἐν πρώτοις (*en prōtois*) pode ser entendida como **antes de tudo**, mas a ênfase de Paulo nos fundamentos da fé sugere que a melhor tradução seria “mais importante do que tudo”. O apóstolo disse para os coríntios que ele entregou a eles **o que também recebeu**. De quem Paulo “recebeu” a mensagem? Em Gálatas 1:11, 12, ele insistiu que não recebeu o evangelho que ele pregava de homens. E Paulo ouviu e aceitou o testemunho do Cristo ressurreto dos apóstolos e de outros crentes que o antecederam. Ele estava ciente de que qualquer desvio da mensagem pregada antes de sua conversão colocaria sua reputação em dúvida. Paulo queria que os coríntios soubessem que a mensagem que ele transmitira a eles era o testemunho dos apóstolos que foram testemunhas presenciais do Cristo ressurreto. Ele cria na mesma mensagem que os demais apóstolos criam: que a morte de Cristo era uma expiação substitutiva pelo pecado humano (1 Coríntios 15:3c). Era o cumprimento das profecias sobre o Messias encontradas no Antigo Testamento.

Quando Paulo escreveu que sua mensagem era **segundo as Escrituras**, seus primeiros leitores deveriam entender que isto como as Escrituras do Antigo Testamento. Essas Escrituras ofereciam provas de que a morte e ressurreição de Jesus deram-se “pelo determinado desígnio e presciência de Deus” (Atos 2:23). Quando Pilatos mandou Jesus para a cruz, ele O mandou não por Seus crimes nem por causa de esquemas humanos. Provavelmente, Paulo não tinha em mente uma passagem específica que testificasse que Cristo tinha de sofrer, mas havia muitas (veja, por exemplo, Isaías 53).

O ensino de Paulo consistia da mesma mensagem que seus antecessores haviam anunciado. Ele não reivindicou em Gálatas que a sua doutrina era de alguma forma única ou uma variação do ensino dos apóstolos que o antecederam. Paulo recebeu uma revelação de Cristo de que o evangelho era para os gentios tanto quanto para os judeus, e foi essa parte de sua comissão que foi disputada pelos que o seguiram até a Galácia. Sua mensagem fundamental era a mesma confissão evangélica que ele aprendeu com os que foram colunas antes dele, mas

⁹era a declaração doutrinária básica de Israel. Ele a chamou de “credo” de Israel (Gerhard von Rad, *Old Testament Theology*, vol. 1, *The Theology of Israel's Historical Traditions*, trad. D. M. G. Stalker. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001, pp. 121–22, 17).

Jesus lhe deu a comissão de pregar essa mensagem a judeus e gentios igualmente (veja Gálatas 1:16).

Versículo 4. Nenhuma parte da doutrina de Paulo precedia a grande verdade que Jesus morreu, e que **foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia**. Todo o restante fluía dessa verdade. Era uma confissão de fé nos fatos que ocorreram em tempo real, não uma experiência mística ou uma afirmação mítica. A menção do sepultamento testificava o fato de Jesus ter morrido por qualquer definição médica da palavra. O sepultamento de Jesus fez a declaração de Lucas totalmente extraordinária: a testemunhas escolhidas, o Senhor, “depois de ter padecido, Se apresentou vivo, com muitas provas incontestáveis” (Atos 1:3).

Não está totalmente claro se Paulo queria dizer que aconteceu o que havia sido profetizado no Antigo Testamento. **Segundo as Escrituras** pode ser uma confirmação de que “Ele ressuscitou ao terceiro dia”. A menção do sepultamento parece ser apenas incidental; mortos são sepultados. Paulo pode ter incluído uma palavra sobre o sepultamento de Jesus apenas para concluir o que estava afirmando. Além disso, pouquíssimas partes do Antigo Testamento poderiam ser interpretadas como uma referência à ressurreição de Jesus “ao terceiro dia”. Embora Jesus tenha traçado uma analogia entre o que Jonas experimentou e o que estava para acontecer com Ele (Mateus 12:40), parece que Jesus estava relacionado o que aconteceu com Jonas e com Ele como uma prefiguração, ou seja, de uma forma tipológica. Nada que Jonas disse apontava para a ressurreição do Cristo ao terceiro dia. O que Paulo queria conectar com a profecia do Antigo Testamento sobre o Cristo não era o sepultamento, mas a ressurreição. Isto fica claro no registro de Atos 2:25–28 e nas cartas de Paulo. O apóstolo nada disse em outros textos sobre o terceiro dia ser cumprimento de profecia.

Versículo 5. O nome favorito de Paulo para Pedro era **Cefas**. Ele mencionou Pedro em duas de suas cartas, Gálatas e 1 Coríntios. Paulo chamou-o de “Pedro” duas vezes (Gálatas 2:7, 8) e de “Cefas” oito vezes (1 Coríntios 1:12; 3:22; 9:5; 15:5; Gálatas 1:18; 2:9, 11, 14). Talvez a escolha de nomes revele algo sobre a preferência de Paulo pelo aramaico em lugar do grego. Fora das cartas de Paulo, o impetuoso apóstolo é chamado de “Cefas” somente em João 1:42. Paulo provavelmente se referia à aparição de Jesus ressurreto a Pedro registrada em Lucas 24:34, embora o apóstolo fosse chamado de “Simão” por

Lucas.

Tudo indica que a aparição de Jesus **aos doze** mencionada por Paulo neste versículo era a mesma registrada em Lucas 24:36–43 e João 20:19–23, embora nem todos os doze apóstolos estivessem presentes. Nem Judas nem Tomé estavam ali. Os apóstolos relataram as aparições do Senhor ressurreto a outras pessoas e o testemunho deles tornou-se parte do legado de Jesus.

Após a história de Jesus ser contada nos Relatos do Evangelho, o grupo de homens mais próximos de Jesus foi chamado de “os doze” somente duas vezes (em Atos 6:2 e aqui em 1 Coríntios 15:5). Em nenhuma dessas referências a palavra “apóstolos” acompanhou “os doze”, ainda que a mesma seja perfeitamente subentendida. Em Apocalipse 21:14 aparece a expressão “doze apóstolos”. Depois de Matias ser escolhido para substituir Judas, foi-lhe “votado lugar com os onze apóstolos” (Atos 1:26). Sem dúvida, devemos entender que Pedro falou no Pentecostes acompanhado dos outros “onze” apóstolos (Atos 2:14).

O que a igreja do primeiro século queria dizer com “apóstolos”? Era um termo reservado aos doze homens que foram companheiros pessoais de Jesus (Mateus 10:2; Marcos 6:13)? Em certa medida, há uma confusão sobre o uso que o Novo Testamento faz de “apóstolo” tanto num sentido técnico como genérico. Num sentido genérico, apóstolo é alguém que tem uma missão que lhe foi conferida. Paulo parece ter agregado Tiago, irmão do Senhor, com outros líderes da igreja como “apóstolos”, em Gálatas 1:19. O termo era apropriado porque Tiago participou da mesma missão e da mesma posição de liderança ocupada por Pedro e João na igreja em Jerusalém (veja Gálatas 2:9). Paulo e Barnabé eram apóstolos da igreja em Antioquia, que os enviou numa missão (Atos 13:1–3). O próprio Jesus era um apóstolo (Hebreus 3:1) no sentido que Deus Lhe conferiu uma missão. Paulo usou essa palavra num sentido genérico referindo-se a irmãos que ele enviou para arrecadarem fundos para os pobres da Judeia. A ARA e outras versões referem-se a eles como “mensageiros” (2 Coríntio 8:23).

Antes do derramamento do Espírito Santo no primeiro Pentecostes após a ressurreição de Jesus, os apóstolos, guiados pelo Espírito, elevaram seu número novamente para doze (Atos 1:21–26). Os doze apóstolos deveriam ser homens que estiveram com Jesus desde o início de Seu ministério e que testemunharam o Senhor ressurreto. Aparen-

temente, “doze” tinha um significado simbólico relativo aos doze filhos de Jacó e às doze tribos de Israel. Todavia, conforme o desenrolar da história, Atos não sugere que houve algum esforço intencional de manter o número de apóstolos em doze. Quando Tiago, irmão de João, morreu nas mãos do rei Herodes, o registro silencia a respeito de alguma substituição (Atos 12:2). Paulo alegou ser um apóstolo do mesmo nível que os Doze (1 Coríntios 9:1; 2 Coríntios 12:12; Gálatas 1:1), porém ele não alegou ser substituto de ninguém. Além disso, ele reconheceu que seu próprio apostolado era peculiar (1 Coríntios 15:8–10). Lucas chamou Paulo de “apóstolo” somente em companhia de Barnabé quando os dois foram emissários da igreja em Antioquia. O autor de Atos parece ter reservado o título “doze apóstolos” para os companheiros de Jesus que testemunharam o Senhor ressurreto.

Quando Paulo citou os papéis da liderança na igreja, suas palavras foram: “A uns estabeleceu Deus na igreja, primeiramente, apóstolos... (12:28, 29; veja Efésios 4:11). O uso de “os doze” em Atos e Coríntios sem uma explicação adicional sugere que era uma referência comum aos apóstolos. A própria reivindicação de Paulo ser apóstolo era significativa para ele por causa da autoridade inerente ao ofício, e não por alguma honra ligada a um grupo de elite. Assim como foi com Pedro ou João, o que Paulo disse e fez foi Deus em ação (1 Coríntios 2:13; 2 Coríntios 12:12). Assim como outras manifestações miraculosas do Espírito, esta também deixou de existir com a vinda do testemunho inspirado pelo Espírito do Novo Testamento e da formação de um cânone do Novo Testamento. A igreja do primeiro século precisou ser guiada pelos apóstolos inspirados pelo Espírito de uma forma que não foi necessária à igreja dos séculos subsequentes.

Versículo 6. Só Paulo registrou o incidente em que o Jesus ressurreto **foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez**. A maioria deles, disse ele, ainda estavam vivos, embora **alguns já dormissem**. Paulo referiu-se regularmente à morte como um “sono” (κοιμάω, *koimaō*, 1 Coríntios 7:39; 11:30; 15:18, 20; 1 Tessalonicenses 4:15). Parece improvável que a aparição de Jesus a essa multidão após Sua ressurreição tenha ocorrido em Jerusalém sem ser mencionada nos Relatos do Evangelho ou em Atos. Por essa razão, muitos estudiosos da Bíblia insistem que esse fato mencionado em 1 Coríntios 15:6 deu-se na Galileia, embora reconheçam a incerteza dessa crença. As aparições de Jesus ressurreto

na Galileia fascinam os comentaristas; sistemas inteiros de interpretação foram elaborados com base na suposição de que a igreja pós-ressurreição fugiu em grande número de Jerusalém para a Galileia⁴.

Segundo Marcos, o Senhor prometeu aparecer aos discípulos na Galileia (Marcos 14:28; 16:7). A promessa também aparece em Mateus, e esse relato diz que Jesus apareceu a eles num monte, na Galileia (Mateus 26:32; 28:16, 17). Lucas nada registrou sobre uma aparição na Galileia, mas João testificou que Jesus encontrou os discípulos pescando na Galileia e falou com Pedro e “os outros discípulos” (João 21:4–14). Independentemente de o evento mencionado em 1 Coríntios 15:6 ter ocorrido ou não na Galileia, a confiança de Paulo no testemunho dos quinhentos é clara. Ele lembrou seus leitores que a maioria daquelas testemunhas ainda estavam vivas. Não havia dúvida quanto ao testemunho delas. Quem quisesse poderia localizar alguém que ainda estava vivo e perguntar o que viu.

Versículo 7. A aparição a **Tiago** também foi mencionada somente por Paulo. O Tiago em questão era quase certamente o irmão do Senhor (Gálatas 1:19). Tiago, irmão de João, morreu antes (Atos 12:2), e Tiago, irmão do Senhor, tornou-se líder na igreja em Jerusalém (Atos 12:17; 15:13; 21:18). Talvez as conversões de Tiago e de Judas resultaram dessa aparição (Atos 1:14). A segunda aparição aos apóstolos provavelmente era a citada em João 20:26–29 ou Atos 1:1–9. Aqueles que querem entender que **os apóstolos** neste versículo sejam diferentes dos “doze” em 15:5 não têm suporte bíblico para essa suposição.

Esta lista de aparições do Senhor ressurreto não está completa. Paulo certamente não pretendia isso; as aparições que ele enumerou fornecem um amplo testemunho histórico que confirma a ressurreição de Jesus dos mortos. Os Relatos do Evangelho registram outras aparições corpóreas após as mulheres encontrarem o túmulo vazio. Em sua maioria, somente os que limitam a verdade do testemunho histórico a fatos que podem ser repetidos e validados num laboratório moderno duvidam que Jesus literalmente ressuscitou dos mortos de forma corpórea e em tempo real.

Versículo 8. Paulo classificou a aparição de

⁴Essa abordagem é observada em Willi Marxen, “Study Two: The Geographical Outline” em *Mark the Evangelist: Studies on the Redaction History of the Gospel*, trad. James Boyce, Donald Juel, William Poehlmann e Roy A. Harrisville. Nashville: Abingdon Press, 1969, pp. 66–95.

Jesus a ele mesmo na estrada para Damasco (Atos 9:3–6) na mesma categoria que as outras aparições de Jesus, embora houvesse uma notável diferença na experiência do apóstolo. O Senhor apareceu a Paulo após Sua ascensão (Atos 1:9); Ele tinha aparecido a outros antes de Sua ascensão. Ter visto o Senhor era uma das qualificações para ser apóstolo (1 Coríntios 9:1). Embora Paulo reconhecesse que havia diferenças entre a aparição do Senhor a ele pós-ressurreição e as aparições do Senhor a outros, ele afirmou que viu o Cristo ressurreto com tanta certeza quanto as outras testemunhas. E enfatizou essas diferenças declarando que Jesus concedeu-lhe o apostolado como a **um nascido fora de tempo** (ὡσπερὲι τῷ ἐκτρώματι, *hōsperei tō ektrōmati*). A integração de Paulo ao grupo de apóstolos fugiu à ordem comum, mas ele alegou que esse fato na estrada para Damasco o qualificou em todos os sentidos para ser apóstolo. Em termos de fé e prática, as igrejas deveriam respeitá-lo como um mensageiro que possuía autoridade apostólica. A implicação prática era que as instruções dadas pelo apóstolo, pessoalmente ou por carta, deveriam ser recebidas como procedentes do Senhor.

Como devemos entender a escolha de Paulo da palavra técnica ἐκτρώμα (*ektrōma*, “nascido fora de tempo”) para o seu chamado apostólico? O termo aparece somente aqui no Novo Testamento, mas era bastante comum na literatura médica grega antiga. Ele designava um nascimento por aborto, ou seja, um acontecimento anormal que se deu cedo demais⁵. Por qualquer estimativa que se faça, o chamado de Paulo ao apostolado não foi antes do tempo esperado. Pelo contrário, a aparição a Paulo na estrada de Damasco foi bem depois, quando já se esperava que o número de apóstolos estivesse concluído.

A explicação mais simples para a escolha paulina dessa metáfora é que ele queria focar em um aspecto exclusivo de seu chamado. Nem esta metáfora nem outra qualquer deve ser analisada em busca de semelhanças mais extensas. A palavra grega *ektrōma* designava a chegada de um bebê fora do decurso dos fatos esperado. O momento da conversão e do apostolado de Paulo não se deram na ordem esperada. Nesse sentido, ele foi “um nascido fora de tempo”. A figura de linguagem não deve ul-

⁵Johannes Schneider, “ἐκτρώμα” em *Theological Dictionary of the New Testament*, ed. Gerhard Kittel, trad. e ed. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964, vol. 2, p. 465.

trapassar esse entendimento.

Resta outra pergunta: Quais são as implicações de Paulo ter escrito: **E, afinal, depois de todos, foi visto também por mim?** Talvez o apóstolo aos gentios quisesse comunicar que ele foi acrescentado aos apóstolos “depois de todos”, e ninguém seria acrescentado depois dele. Outra possibilidade é que “depois de todos” seja uma expressão de humildade. As últimas palavras “também por mim” traduzem a palavra grega κἀμοί (*kamoi*), que pode expressar incredulidade: “Ele apareceu até para alguém como eu”. Uma terceira possibilidade é que “depois de todos” seja um mero recurso para finalizar a lista.

Como Paulo precisava firmar-se na sua autoridade apostólica para dissuadir os boatos de uma ressurreição não literal, um humilde “depois de todos” dificilmente parece ser apropriado. Considerando que o território em que Paulo pisava visando confirmar sua autoridade, é mais provável que a expressão “depois de todos” aponte para a sua convicção de que o número de apóstolos encerrou-se assim que ele foi acrescentado ao grupo. De qualquer maneira, ele era um apóstolo e, como tal, podia falar com determinação sobre a ressurreição.

Versículo 9. Paulo estivera enumerando as aparições do Senhor ressurreto como um prelúdio à insistência de uma ressurreição corpórea para os crentes. Seu próprio testemunho do Jesus ressurreto o levava a fazer alusão ao incidente na estrada para Damasco e à sua subsequente comissão para ser apóstolo. O principal foco em 15:9–11, porém, não são as experiências pessoais de Paulo; mas a presença corpórea do Senhor ressurreto.

Paulo não omitiria dois fatos subjacentes ao seu ministério. Primeiramente, seu apostolado pertencia à mesma ordem dos doze. Sua autoridade não provinha deles nem de origem humana (Gálata 1:1); o próprio Senhor comissionou o apóstolo para falar. Em segundo lugar, o apóstolo tinha um profundo senso de valor próprio, pois a honra do Senhor fora derramada sobre ele. Num sentido, ele era **o menor dos apóstolos**; mas sua humildade não brotava de nenhuma posição secundária. Ele se considerava o menor porque **perseguira a igreja de Deus**. Paulo não podia se esquecer de que, até certo ponto, ele tinha assombrado cristãos e os entregado ao tribunal e à morte (Atos 22:4; 1 Timóteo 1:12–14). Ele veio a se dar conta de que, ao perseguir a igreja, estava derramando sua ira contra o Cristo (Atos 9:4, 5). Olhando para trás, o apóstolo via um período de trevas em sua vida, quando se opôs a Cristo.

O fato de Paulo ser um judeu zeloso e um perseguidor da igreja surtiu um efeito positivo. Esse histórico deu imensa credibilidade à sua obra. Com as confrontações iniciais com os cristãos, Paulo adquiriu a percepção para reconhecer as implicações da mensagem do evangelho. Ele sempre reconheceu que seria impossível condicionar os seguidores do Nazareno aos conceitos do judaísmo. Judeus e gentios eram iguais perante Deus, confrontados com a mesma mensagem e as mesmas exigências. Os judeus não tinham nenhuma vantagem que os diferenciava. A resistência às implicações do evangelho levou Saulo de Tarso a dedicar suas energias fervorosamente e com toda a sinceridade à destruição do Caminho. Assim que, pela graça, reconheceu que Deus queria alcançar tanto judeus como gentios sem parcialidade, Paulo direcionou seus consideráveis talentos justamente para a edificação da causa que ele antes perseguia. Deus então operou através dele para propagar a mensagem de Cristo por todo o mundo. Ele se tornou o apóstolo de Deus aos gentios.

Versículo 10. O apóstolo começou e terminou o resumo do seu ministério mantendo a graça de Deus como a base de tudo. Paulo não tomou para si os créditos. Por causa da graça de Deus, ele pôde trabalhar mais e produzir mais fruto do que qualquer outro apóstolo. A declaração de que ele **trabalhou muito mais do que todos eles** parece significar que ele trabalhou mais do que todos os doze juntos. F. F. Bruce viu isto de um modo um tanto diferente. Disse ele: “Paulo, mais (pelo que parece) do que qualquer um dos primeiros discípulos de Jesus, entendeu as implicações universais da pessoa e obra do seu mestre e lhes deu aplicação prática”⁶. Era importante para os coríntios saber que Paulo era apóstolo em todos os sentidos que qualquer um dos doze eram. O respeito que aqueles cristãos tinham pela palavra do apóstolo foi o ponto inicial para serem fieis a Cristo.

O apóstolo avaliou seus próprios esforços sob a ótica da graça de Deus. **Todavia, não eu**, escreveu ele, **mas a graça de Deus comigo**. Deus concedeu graça chamando Paulo para ser apóstolo, e o judeu de Tarso reagiu positivamente ao chamado. A graça de Deus para com ele **não se tornou vã**, e Paulo confiava que a graça conferida aos coríntios não se-

ria vã (15:58). Por conta de Deus ter comissionado Paulo, e por causa da resposta obediente do apóstolo, o desígnio providencial de Deus para a salvação da humanidade concretizou-se naqueles irmãos. Paulo poderia ter reagido de modo diferente à graça oferecida por Deus, como muitos já o fizeram. A redenção abençoa os que respondem com fé e obediência porque Deus tomou a iniciativa de salvar.

Versículo 11. Paulo estava pisando numa linha delicada entre a independência da comissão que recebera do Senhor e sua semelhança com outros a quem o Senhor também designara o apostolado. O antecedente de “eles” é “os apóstolos” (15:9), que é igual ao grupo dos “doze” (15:5). **Seja eu ou sejam eles** que fizeram alguma coisa, disse Paulo, não importava porque todos compartilhavam uma missão do Senhor. Pregavam a mesma mensagem, a mesma que os coríntios abraçaram com fé. Antes de mais nada, a mensagem era uma afirmação, uma confissão, sobre Jesus de Nazaré, um homem histórico que fora crucificado em Jerusalém. Ele morreu, assim como todos os homens morrem; mas Deus não o deixou no sepulcro. No terceiro dia, Deus O ressuscitou dos mortos – ressuscitou-O corporeamente.

A mensagem que uniu os Coríntios, Paulo e os doze teria sido insignificante se o corpo de Jesus não tivesse sido ressuscitado. Depois de expor essas preliminares, Paulo estava agora pronto para se reportar a outra controvérsia em Corinto. Na próxima seção, ele abordou a qualidade de vida que Deus prometeu aos remidos na era vindoura.

UM TÚMULO VAZIO (15:12-19)

O testemunho pessoal de Deus sobre a identidade de Jesus, incluindo tudo aquilo que Sua divindade significava, foi confirmado com a ressurreição dos mortos (Romanos 1:4). Apesar da clareza das declarações de Paulo, os esforços para questionar o testemunho bíblico da ressurreição corpórea têm sido intermináveis. Os críticos hostis gostam de salientar que Paulo não mencionou um túmulo vazio em 1 Coríntios. A tradição de um túmulo vazio, como alegam esses, foi uma dedução posterior. Alguns críticos dizem que, na oitava década da era cristã, quando os registros do evangelho já estavam escritos, o túmulo vazio havia se enraizado na tradição. No entanto, um exame sóbrio revela que a falta de referência explícita de Paulo a um túmulo vazio é um detalhe ínfimo, não uma avaliação séria do testemunho do apóstolo. Ele acreditava que

⁶F. F. Bruce, *Paulo: o Apóstolo da Graça – Sua Vida, Cartas e Teologia*, trad. Hans Udo Fuchs. São Paulo: Shedd Publicações, 2003, p. 451.

a ressurreição de Jesus foi corpórea. O apóstolo não poderia estar equivocado a respeito desse assunto. *Quando Deus ressuscitou o corpo de Jesus, o resultado óbvio é que o túmulo em que jazia o corpo ficou vazio.*

O raciocínio que Paulo explicou aos Coríntios levantou três pontos importantes sobre a ressurreição. (1) A mensagem que os cristãos coríntios haviam confessado, a mensagem que Paulo e outros apóstolos haviam pregado, foi a morte, sepultamento e ressurreição de Jesus. (2) A ressurreição não era um apêndice ao evangelho; era a sua essência. (3) Negar a ressurreição de Jesus equivalia a negar que Deus Se revelou como Salvador. Sem a ressurreição de Jesus – a ressurreição literal e corpórea – os cristãos seriam pessoas desesperadas que adotaram uma fé ilusória.

¹²Ora, se é corrente pregar-se que Cristo ressuscitou dentre os mortos, como, pois, afirmam alguns dentre vós que não há ressurreição de mortos? ¹³E, se não há ressurreição de mortos, então, Cristo não ressuscitou. ¹⁴E, se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã, a vossa fé; ¹⁵e somos tidos por falsas testemunhas de Deus, porque temos asseverado contra Deus que ele ressuscitou a Cristo, ao qual ele não ressuscitou, se é certo que os mortos não ressuscitam. ¹⁶Porque, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. ¹⁷E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permanecéis nos vossos pecados. ¹⁸E ainda mais: os que dormiram em Cristo pereceram.

Versículo 12. Depois de recapitular os fundamentos do evangelho, Paulo esboçou uma aplicação pontual. Dado que a ressurreição de Jesus está entre as primeiras afirmações da fé cristã, uma crença sustentada pelos apóstolos e pelos irmãos coríntios, como era possível alguns deles dizerem que **não há ressurreição de mortos?** Alguns pensadores gregos defendiam que o espírito e o corpo de uma pessoa são dependentes um do outro para que existam. Pensavam que quando o corpo morre, nada resta. Os coríntios, no entanto, aparentemente não chegaram a ponto de negar que havia vida após a morte. Qualquer que fosse a intenção daqueles que batizavam pelos mortos (15:29), tal prática apontava para a crença de que alguma coisa sobrevive à morte.

Os pontos de vista sobre o que acontece na morte difundiram-se no mundo greco-romano, assim como no mundo moderno. Um ponto de vista co-

mo entre os intérpretes modernos é que os coríntios foram infectados com uma “escatologia que já se cumpriu”, ou seja, uma noção de que a ressurreição geralmente associada com o fim dos tempos já tinha ocorrido. Crer que Jesus era o Cristo e adotar a vida que Ele ensinou, dizem alguns, era ter “ressuscitado dentre os mortos”. Um crente gnóstico que viveu pelo menos cem anos após Paulo escreveu: “Aqueles que dizem que vão morrer primeiro e depois subir estão equivocados. Se não receberem primeiro a ressurreição enquanto vivem, quando morrerem, não receberão nada”⁷. O gnosticismo posterior combinou uma variedade de crenças e levou a uma ampla variedade de especulações⁸. Alguns gnósticos sustentavam que a era vindoura já havia se instalado e que a ressurreição já tinha acontecido (veja 2 Timóteo 2:18); porém, faltam evidências de que tais ideias tenham realmente florescido em meados do primeiro século, enquanto Paulo ainda estava vivo.

Só nos resta especular como pensavam os coríntios que questionaram a ressurreição corpórea. O pensamento grego de Platão em diante, tipicamente, traçava uma linha nítida entre o corpo e o espírito. Acreditava-se que o espírito estava preso à carne. Na morte, supunha-se que ele fosse liberto do corpo material, fraco e corrupto, para lançar-se pelos reinos celestiais e ser absorvido em uma espécie de alma universal. Os pensadores gregos não viam compatibilidade entre uma carne material e um espírito virtuoso. Em contraste com isto, o entendimento paulino de corpo e alma estava enraizado na revelação do Antigo Testamento.

Segundo Paulo, a conexão da alma e do corpo é completamente normal, e a alma separada do corpo fica num estado de nudez. É verdade, o corpo será transformado na ressurreição ou na vinda de Cristo; ele será adaptado para o Reino de Deus. Mas, de qualquer maneira, não há na doutrina de Paulo um mal inerente à matéria.⁹

⁷“The Gospel of Philip (II, 3)”, trad. Wesley W. Isenberg em *The Nag Hammadi Library*, James Robinson, dir. Nova York: Harper & Row, 1977, p. 144.

⁸O gnosticismo foi uma heresia antiga que perturbou algumas igrejas na segunda metade do primeiro século. Alguns gnósticos negavam a real humanidade de Jesus, enquanto outros negavam Sua divindade. Essa mistura de crenças levou tudo do asceticismo (a privação do corpo) para o hedonismo (concessão à carne). As seitas gnósticas tinham uma ideia em comum: toda a salvação basicamente prometida por meio do conhecimento oculto (*gnosis*) que reivindicavam fora revelada somente a eles.

⁹J. Gresham Machen, *The Origin of Paul's Religion*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1947, pp. 275–76.

Sem sentir-se obrigado a descrever e refutar amplamente os pontos de vista gregos sobre o mal inerente à materialidade, Paulo recorreu ao fato de Deus ter ressuscitado Jesus, Seu corpo e espírito, do túmulo. A ressurreição de Jesus testemunhou a unidade implícita do corpo e do espírito. O corpo não deve ser visto como mau ou fraco por ser material. A vida nesta era é uma experiência corpo/espírito. A existência de um espírito sem algum tipo de limitação corporal ou física é inconcebível. Além disso, a ressurreição corpórea de Jesus foi um testemunho claro e inquestionável de que aqueles que O aceitaram como Cristo participariam do mesmo tipo de ressurreição. Depois de conceber que Jesus ressuscitou dos mortos, Paulo queria saber por que alguém poderia argumentar “que não há ressurreição de mortos”, isto é, nenhuma ressurreição do corpo. A ressurreição de Jesus deveria ter resolvido perguntas sobre este importante aspecto da existência além-túmulo.

Versículo 13. Uma vez que se aceitou o testemunho dos apóstolos de que Jesus ressuscitou dos mortos, não resta espaço para duvidar da vida corpórea que os remidos terão no céu. Inversamente, se os mortais não podem viver corporeamente após a morte física, Jesus não poderia ter ressuscitado. A lógica para aqueles que negavam que Jesus havia sido ressuscitado corporeamente era inescapável. A premissa maior desse partido era que nada material de um indivíduo sobrevive depois que seu corpo morre. Dificilmente poderiam negar a premissa menor, ou seja, que o corpo de Jesus morreu. A conclusão que eles foram forçados a aceitar, então, era que nada material de Jesus sobreviveu à cruz. Se eles estivessem corretos, então nada material poderia ter saído do túmulo; porém Paulo já havia apresentado provas inegáveis de que Ele havia ressuscitado.

Nesta revelação de Paulo, fica claro que Jesus participou plenamente da existência humana. Ele teve um corpo. *Se não houvesse vida corpórea além do túmulo, então o corpo de Jesus não poderia ter ressuscitado.* Quem negava a ressurreição dos mortos tinha de levar em conta o testemunho dos que viram, tocaram e conversaram com Jesus após ter Ele estado no túmulo.

Ele [Paulo] exorta seus leitores a refletirem sobre a lógica óbvia de negar que os mortos ressuscitam. Aqueles que negam isso parecem ignorar que a única maneira disso ser verdade é se afirmando que ninguém pode ressuscitar dos mortos. Nesse caso, o próprio Cristo, que viveu e morreu, não teria ressuscitado; pois o escopo

universal da morte não faria exceção a Ele. Sua vida singular não o teria protegido do fim de toda vida humana.¹⁰

Versículo 14. Paulo avançou seu argumento de uma conclusão para a seguinte empregando uma série de orações (gramaticais) condicionais. A ressurreição dos salvos em Cristo e a ressurreição do próprio Cristo estão ligadas. “Se não há ressurreição de mortos” (15:13), então Jesus não foi ressuscitado; mas, se Jesus não foi ressuscitado, então tudo o que Paulo pregou e todos os coríntios creram era vão, não passava de mentira. O apóstolo pediu coerência. Se alguém quisesse negar a ressurreição dos mortos, insistiu ele, teria, obrigatoriamente, que seguir seu raciocínio até o fim. A afirmação dos cristãos de que Jesus ressuscitou do túmulo e sua subsequente confiança de que todos os remidos participarão de uma ressurreição corpórea é fundamental para a proclamação do evangelho. “Se Cristo não ressuscitou dos mortos, o longo caminho dos atos redentores de Deus para salvar o Seu povo termina numa rua sem saída, num túmulo.”¹¹

Versículo 15. Negar a ressurreição dos mortos tem outras implicações. Se não houvesse ressurreição, Paulo e os outros apóstolos seriam **falsas testemunhas de Deus**. Nesse caso, teríamos de dizer que foram enganados e que eram ignorantes, ou teríamos que julgá-los mentirosos. Havia aparições e testemunhos demais para se concluir que eles estavam simplesmente enganados, porém bem intencionados. Uma farsa teria exigido uma coordenação cuidadosa. Se não houvesse ressurreição, Paulo e os outros apóstolos seriam “falsas testemunhas”. O testemunho deles era que Jesus havia ressuscitado. Os coríntios tinham que decidir em quem acreditar. Duas alegações estavam sendo feitas: (1) não havia ressurreição corpórea dos mortos, e (2) Jesus tinha reaparecido na carne, ressuscitado dos mortos. Paulo argumentou corretamente que essas declarações eram inconciliáveis. Será que os coríntios acreditavam seriamente que Paulo e outras pessoas sensatas e confiáveis tinham simplesmente mentido? Por que arriscaram tudo por algo que sabiam ser uma mentira?

Nos últimos séculos, os teólogos que quiseram argumentar que a ressurreição corpórea de Jesus é

¹⁰William F. Orr e James Arthur Walther, *1 Corinthians*, The Anchor Bible. Garden City, N.Y.: Doubleday & Company, 1976, p. 325.

¹¹George Eldon Ladd, *Teologia do Novo Testamento*. Trad. Degmar Ribas Júnior. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 321ss.

uma “declaração de fé”, desconectada de fatos reais ocorridos na linha do tempo, enfrentaram um dilema. Se a ressurreição de Jesus não foi um acontecimento real no tempo, ou o testemunho sobre Ele é de tolos iludidos, incapazes de distinguir entre experiências emocionais e fatos reais, ou esse testemunho é uma mentira. Através dos séculos, o argumento de Paulo continua a reivindicar a verdade como sua aliada.

Deus trouxe o corpo morto de Jesus de volta à vida no terceiro dia. Testemunhas oculares testemunharam as aparições de Jesus pós-ressurreição, e Ele prometeu que voltará. Jesus Cristo está agora reinando à direita de Deus. Sem tudo isto, as alegações de Cristo e de outros feitas sobre Ele poderiam, seguramente, ser descartadas como mais um capítulo da frustrante busca da humanidade por significado. Paulo sabia que não era esse o caso. Ele estava pronto para arriscar tudo com base em sua confiança na verdade do evangelho por ele proclamado.

Versículo 16. Os cristãos de Corinto não podiam se posicionar nos dois lados da questão. Se aqueles cristãos não fossem viver corporeamente após a morte, afirmou Paulo, isso implicava que **também Cristo não ressuscitou**. Ou repudiavam a ideia de que não há ressurreição, ou teriam de descartar o testemunho de que Jesus havia ressuscitado. Paulo não estava meramente defendendo a vida após a morte. Ele estava confirmando uma ressurreição, uma existência corpórea após a morte. Assim como Jesus saiu do túmulo, “os mortos em Cristo ressuscitarão” (1 Tessalonicenses 4:16). Jesus reapareceu após a crucificação em forma corpórea. Uma alma humana nebulosa sem os limites de um corpo é difícil até de imaginar. Usando as palavras de Brevard S. Childs, “não há existência humana sem um corpo e este é inseparável da vida. A esperança escatológica do Novo Testamento é pela ressurreição do corpo, não [unicamente] pela sobrevivência da alma”¹².

Versículo 17. Os coríntios tinham de decidir, mas Paulo queria que eles soubessem as implicações, se escolhessem rejeitar o testemunho apostólico do Senhor ressuscitado. Se Jesus não tivesse ressuscitado, cada elemento do evangelho que Paulo havia proclamado estaria errado. Tinham de encarar o resultado hipotético dessa posição: **é vã a vossa fé**. Além disso, ele disse: **E ainda permanecéis em vossos pe-**

cados. Esta última frase pode ser entendida de duas maneiras. (1) Sem a ressurreição do Senhor, todo o empreendimento da cruz estaria em dúvida. (2) Por outro lado, essa declaração pode ser um apelo à experiência dos coríntios. Não teriam nenhum poder para viver acima do pecado sem a intermediação ativa do Senhor ressurreto. Na verdade, os cristãos coríntios tinham experimentado Cristo vivo e operante em suas vidas. Eram testemunhas vivas de que Jesus havia ressuscitado, por terem se desviado do pecado. Na ausência de uma ressurreição, esses dois resultados negativos se seguiriam; mas o foco na justificação registrado em suas epístolas sugere que a intenção do apóstolo era que rejeitassem a heresia (veja Romanos 4:24, 25).

Versículo 18. O apóstolo continuou a enfatizar as consequências decorrentes de se negar a ressurreição corpórea de Cristo. Sem a ressurreição, **os que dormiram em Cristo** (οἱ κοιμηθέντες, *hoi koimēthentes*), ou seja, aqueles que morreram, **pereceram**. Negar a ressurreição dos mortos seria, com efeito, deixar de lado uma esperança valiosíssima à fé cristã. A vida eterna é o resultado fundamental da redenção e da justificação.

O uso metafórico do sono suaviza a ideia de morte. A visão pessimista dos filósofos platônicos e estoicos tinha se estabelecido em grande parte do mundo greco-romano onde Paulo vivia. Havia cálices no formato de crânios; aborto, prostituição e abandono de crianças eram práticas comuns. Em muitos túmulos havia a inscrição com as iniciais “N F F N S N C”, abreviatura para a expressão latina *non fui, fui, non sum, non curo*, que significa “eu não existia, existi, não existo, não me importo”¹³. “A palavra-chave na ética estoica é a *apatia*”; de acordo com esta filosofia, “a pessoa boa reconhecerá que não há nada que poderia ter feito para evitar o que o destino reservou”¹⁴. A ressurreição corpórea de Cristo, quando admitida, rompeu com a rigidez dessa atitude.

Versículo 19. Aqueles que não crêem na ressurreição, que pensam que os que morreram pereceram permanentemente, abandonaram a esperança. Paulo sabia que não poderia haver outra mensagem de esperança para a humanidade, senão a da ressurreição.

¹³Everett Ferguson, *Backgrounds of Early Christianity*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1987, p. 195.

¹⁴Ronald H. Nash, *Christianity and the Hellenistic World*. Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1984, p. 70.

¹²Brevard S. Childs, *Biblical Theology of the Old and New Testaments: Theological Reflection on the Christian Bible*. Minneapolis: Fortress Press, 1992, p. 580.

reição corpórea de Cristo. A mensagem do evangelho se baseia na premissa de que Jesus ressuscitou. Se essa mensagem fosse falsa, isso significaria que não há esperança. Nesse caso, os cristãos seriam **os mais infelizes de todos os homens**. A esperança em Cristo é a única esperança para a humanidade.

O apóstolo não se pôs a explorar o que acontece entre o momento em que uma pessoa adormece na morte e o momento em que o Senhor voltará para ressuscitar os mortos. A vida no corpo ressuscitado começa com a morte ou quando o Senhor voltar? Paulo não disse. O certo é que a vida eterna se dará na forma corporal. Nem o corpo material, nem as coisas materiais são inerentemente maus. O mal e o pecado resultam de escolhas morais que as pessoas fazem, e não das substâncias que compõem o corpo.

QUE TIPO DE CORPO? (15:20–28)

²⁰Mas, de fato, Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo Ele as primícias dos que dormem.

²¹Visto que a morte veio por um homem, também por um homem veio a ressurreição dos mortos.

²²Porque, assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo.

²³Cada um, porém, por Sua própria ordem: Cristo, as primícias; depois, os que são de Cristo, na sua vinda. ²⁴E, então, virá o fim, quando Ele entregar o reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo principado, bem como toda potestade e poder. ²⁵Porque convém que Ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos pés. ²⁶O último inimigo a ser destruído é a morte. ²⁷Porque todas as coisas sujeitou debaixo dos pés. E, quando diz que todas as coisas Lhe estão sujeitas, certamente, exclui Aquele que tudo Lhe subordinou.

²⁸Quando, porém, todas as coisas Lhe estiverem sujeitas, então, o próprio Filho também Se sujeitará Àquele que todas as coisas Lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos.

Muitos anos atrás, Alexander Balmain Bruce escreveu um livro sobre apologética cristã numa época em que a comunidade acadêmica praticamente abandonara a disciplina. Entre outras coisas, Bruce refletiu sobre as súplicas proféticas para um retorno ao comportamento moral aliado ao otimismo para o futuro. Bruce disse o seguinte:

A paixão por justiça e a paixão por esperança estão tão longe de serem comuns, que aqueles que as cultivam em um grau elevado sempre se des-

tacam entre os homens notáveis do mundo. Mas é a combinação dos dois [elementos] que torna singular a figura do profeta hebraico.¹⁵ (Grifo meu.)

Jesus de Nazaré e os apóstolos que O seguiram foram mais longe que os profetas. Combinavam (1) uma súplica intransigente para que vivessem piedosamente com (2) uma expectativa otimista de que o Senhor viria de novo. Inerente e muitas vezes explícito nas revelações do Novo Testamento relativas às últimas coisas, está um chamado à vida justa (1 Coríntios 15:34; 2 Coríntios 5:10; 2 Pedro 3:11). O retorno do Senhor significa a ressurreição corpórea, o julgamento e a vida eterna. Os profetas anunciaram esse otimismo do Senhor. Bruce disse também:

É tão natural para o crítico moral ser sombrio e pessimista, que nos perguntamos – quando observamos que esses homens [profetas de Israel] fizeram as súplicas mais exigentes de seus contemporâneos e pronunciaram sobre eles a condenação mais impiedosa por não a cumprirem, e forneceram as imagens mais brilhantes e entusiastas que se podem encontrar na literatura mundial de uma era de ouro por vir – quando os mais sublimes ideais de bondade e felicidade plenamente se concretizarão.¹⁶

Quando Paulo escreveu aos coríntios sobre a ressurreição, ele incluiu o tema da *justiça* e da *esperança*. Jesus, a ressurreição futura e a esperança estão entrelaçados na abordagem do apóstolo à era vindoura. A mensagem de *esperança* começa com o testemunho histórico de testemunhas oculares confiáveis de que Jesus morreu e que, subsequentemente, Deus o ressuscitou dos mortos. A *esperança* cristã tem sua origem e está fundamentada na confissão de que Jesus é Cristo e que Deus declarou que Ele era Cristo ao ressuscitá-LO dentre os mortos.

Versículo 20. Depois de pintar a cena da desolação sem a esperança de uma ressurreição em 15:13–19, Paulo confirmou a realidade da ressurreição de Jesus e tudo o que ela implica. Uma vez que Jesus, de fato, **ressuscitou dentre os mortos**, Ele se tornou **as primícias dos que dormem**. Novamente, o sono é uma metáfora da morte (veja 15:18). O apóstolo baseou-se num conceito profundamente enraizado na história de Israel. O povo devia dar as primícias ou os primeiros frutos da terra a Deus como um ato

¹⁵Alexander Balmain Bruce, *Apologetics*, International Theological Library. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1892, p. 246.

¹⁶Ibid.

solene de louvor (Deuteronômio 26:1, 2). Os primeiros frutos eram, em certo sentido, um prenúncio do que ainda viria a ser colhido; mas também eram o início da colheita. Em outra passagem, o apóstolo usou “primícias” como metáfora da habitação do Espírito dada por Deus aos crentes enquanto aguardam ansiosamente a “adoção de filhos, a redenção do corpo” (Romanos 8:23).

A ressurreição de Jesus demonstrou o poder de Deus. Ele tem poder para ressuscitar os mortos e capacitar Seu povo com a habitação do Espírito, mas não é só isso. As primícias ou os primeiros frutos prometiam a futura ressurreição da família cristã. A ressurreição de Jesus é mais do que uma relíquia histórica do passado; *Ele foi as primícias que sinalizaram que a colheita havia começado*. Sua ressurreição dos mortos resultou em mais do que uma crença confiável no poder de Deus e num túmulo vazio, mais do que o Espírito habitando no interior do crente. Jesus tornou-se “o verdadeiro início da colheita”¹⁷. Em Jesus, a ressurreição eterna já entrou na história humana. “A ressurreição de Jesus não significa nada menos que a aparição no cenário histórico de algo que pertence à ordem eterna.”¹⁸

Versículo 21. Paulo destacou as consequências eternas da encarnação, comparando Jesus com Adão. O apóstolo expôs que uma influência de longo alcance havia sido trazida ao mundo através do pecado de Adão e Eva, mas essa influência foi superada pela vinda de Cristo. Mais tarde, tratou o tema em Romanos 5:12–17 e continuou a analogia em 1 Coríntios 15:45–50. A rebelião de Adão trouxe **morte** – tanto a morte física como a espiritual. Não só Adão pecou, mas também estabeleceu um padrão para o pecado; ele se tornou um paradigma para o pecado que caracterizaria a raça humana. “Todos pecaram e carecem da glória de Deus”, escreveu Paulo em Romanos 3:23. A universalidade do pecado e o pecado de Adão e Eva estão interligados, mas os teólogos têm visto no paralelo que Paulo traçou entre Adão e Cristo respostas a questões teológicas que estavam longe da mente do apóstolo. Nada nas palavras de Paulo sugere que, depois de Adão, o pecado e a morte passaram de pais para filhos por herança. O conceito de pecado original não se encontra nem na transgressão de Adão nem na ressurreição de Jesus.

A interpretação agostiniana que tem prevaleci-

¹⁷Ladd, p. 326.

¹⁸Ibid.

do na teologia de alguns grupos religiosos é que, no pecado de Adão, toda a humanidade pecou. A mulher seria a portadora original do pecado, e o sexo é visto como o acusado ou réu. Agostinho escreveu: “É que todos estivemos naquele homem [Adão]... que foi arrastado ao pecado pela mulher que dele fora feita antes do pecado”¹⁹. Segundo esse raciocínio, o pecado é herdado, de modo que uma criança herda a culpa pelo pecado no nascimento. Depois do pecado original, disse Agostinho, a humanidade “gerou filhos corrompidos e condenados”²⁰. O pecado, segundo esse pensamento, é um estado espiritual que separa as pessoas de Deus, não as escolhas que as pessoas fazem de seguir a inclinação da carne. A conclusão deste processo de pensamento é que, uma vez que os seres humanos nascem com a culpa pelo pecado e vivem sob seu domínio, não podem fazer nenhum bem.

O argumento de Paulo aos coríntios abordou a situação imediata, não os argumentos teológicos de uma geração posterior. Pouco lhe preocupavam questões mais amplas como a soberania de Deus e a liberdade humana – questões essas que afligiram Agostinho²¹ ao avaliar suas práticas da juventude. Assim como o pecado e a morte vieram por Adão, argumentou Paulo, o perdão e a esperança (**a ressurreição dos mortos**) vieram através de Jesus, o segundo Adão, o Homem que era divino, mas totalmente humano. O raciocínio do apóstolo só faz sentido quando se aceita o testemunho de que “também por um homem veio a ressurreição dos mortos”. Paulo queria que seus leitores soubessem o que a ressurreição de Jesus implicava: Todos os remidos ressuscitarão para viver eternamente.

Versículo 22. Paulo usou o exemplo de Adão para ajudar seus leitores a compreender a obra de Deus em Cristo, ainda que os paralelos entre os dois não sejam exatos. O primeiro homem demonstrou o poder da atração do pecado. A rebelião de Adão consistiu num homem se comportando como os homens se comportam. Ele e seus descendentes escolheram o pecado. Por meio do pecado, que primeiro se manifestou em Adão, **todos morrem**. A universalidade de Adão estava no que fato de que ele mostrou como é a raça humana. Seguindo o padrão

¹⁹Agostinho, *A Cidade de Deus* – vol. II, Livro XIII, capítulo 14. Trad. J. Dias Pereira. Lisboa: Ed. e Fundação Calouste Gulbenkian, 2ª. ed., 2000, p. 1187.

²⁰Ibid.

²¹Agostinho (354–430 d.C.) nasceu em Tagaste, próximo à antiga Cartago (atual Túnis).

estabelecido pelos primeiros pais, a humanidade provou estar em inimizade com Deus.

Jesus Cristo, assim como Adão, demonstrou uma verdade universal sobre a família humana: seres humanos podem fazer escolhas. A bondade, assim como o mal, tem seu apelo. **Em Cristo, todos serão vivificados**, na medida em que todos que se desviam da morte podem encontrar redenção e reconciliação nEle. Se as consequências do comportamento de Adão e de Cristo eram perfeitamente paralelas, a morte universal que começou com Adão seria seguida pela salvação universal em Cristo. Contudo, Paulo sabia que alguns não aceitariam Cristo. O Messias, o Cristo, fez uma oferta universal; Ele apresentou uma escolha universal. Tanto judeus como gentios podem se voltar para Cristo, que não mostra parcialidade. Para aqueles que O escolhem, o Senhor concede perdão; Paulo não insinuou que o benefício da morte e ressurreição de Cristo será reconhecido por todos (Romanos 2:6–8), nem que o pecado de Adão atinge fatalmente todos os bebês no momento da concepção. Ele estava dizendo que Adão colocou a raça em um caminho de pecado e morte. Ainda de forma universal, Cristo permitiu que a humanidade se deparasse com uma exigência e uma escolha que podem resultar em redenção e vida. Ele é o Salvador universal.

Versículo 23. Paulo deu continuidade ao tema da ressurreição dos mortos, afirmando que Jesus foi ressuscitado primeiro. Quando Ele aparecer pela segunda vez, todos os que estão em Cristo participarão da ressurreição. O apóstolo enfatizou que a ressurreição de cada um ocorrerá **por Sua** [de Deus] **própria ordem**. Ele usou a palavra **vinda** (*παρουσία*, *parousia*, “aparicação”) no sentido técnico, que significa o retorno do Senhor no fim dos tempos, apenas esta vez fora das cartas tessalonicenses (1 Tessalonicenses 2:19; 3:13; 4:15; 2 Tessalonicenses 2:1, 8). Várias vezes Paulo se referiu à sua própria chegada planejada ou à chegada de seus colegas de trabalho. Quatro outras vezes em 1 Coríntios, o apóstolo explicitamente se referiu à volta do Senhor (1:7, 8; 4:5; 11:26; veja 16:22). No entanto, a volta de Cristo não pode ser considerada um tema de extremo interesse nas cartas coríntias ou em qualquer outro trecho dos escritos de Paulo. O apóstolo estava mais preocupado com o modo como os cristãos devem viver entre a primeira e a segunda vinda, do que em mapear a sequência de eventos que ocorrerão quando a última trombeta soar.

Quem está em Cristo participa da Sua glória. A

inter-relação de três temas – ressurreição dos mortos, segunda vinda de Cristo e julgamento final – foi assumida por Paulo, e não argumentada. Antes da volta do Senhor, já nesta era, Cristo é **as primícias** da ressurreição. Nele a ressurreição dos mortos já começou. Antes da consumação da era atual, os cristãos receberam “as primícias do Espírito, aguardando a adoção de filhos” (Romanos 8:23). Há ainda algo reservado para o futuro. Jesus ressuscitou, mas os Seus seguidores não conhecerão a ressurreição até que o Senhor venha novamente.

Estava fora do propósito de Paulo naquele momento dizer algo sobre uma ressurreição aos que não conhecem Cristo; o apóstolo não mencionou nenhuma ressurreição universal neste capítulo. Em outros trechos, ele o fez. Além disso, em 1 Tessalonicenses 4:15–18, Paulo acrescentou que aqueles que estão vivos em Cristo se encontrarão com Jesus quando Ele voltar em companhia dos Seus. Em 2 Tessalonicenses 1:6–10, o apóstolo deixou claro que Deus punirá aqueles que oprimem o Seu povo (veja 2 Coríntios 5:10). Mesmo assim, ele não disse nada sobre os corpos ressuscitados daqueles que rejeitam a Deus. No Novo Testamento, a ressurreição corpórea é apresentada como uma promessa para os remidos. Além da “eterna destruição” (2 Tessalonicenses 1:9), que tipo de existência aqueles que viraram as costas para Cristo terão na eternidade não é realmente discutido no Novo Testamento.

Versículo 24. A vinda do Senhor, Sua *parousia* e o fim da era atual devem acontecer simultaneamente. É impossível teorizar sobre a relação entre a regência de Cristo e a regência de Deus na era atual ou na era vindoura. Em certo sentido, o reinado de Jesus começou em Sua ascensão e continuará até que Ele venha novamente como Juiz e Senhor (Atos 1:9–11). A primeira vinda de Jesus e a Sua segunda vinda estão tão intimamente relacionadas que é impossível falar de uma sem levar em conta a outra. A primeira vinda serviu de garantia da segunda. Paulo retratou Jesus, coerentemente, governando Sua igreja à destra de Deus (Romanos 8:34; Efésios 1:20 e Colossenses 3:1). Quando vier o fim, **Ele** [entregará] **o reino ao Deus e Pai**.

Quando o Senhor voltar e a igreja não estiver mais confinada ao plano terreno, a obra redentora de Cristo estará completada. Então, Deus será “tudo em todos” (15:28). Ele (Cristo) abolirá **todo principado, bem como toda potestade** [autoridade] e **poder**, assim que devolver o governo ao Pai. Quaisquer que sejam as forças opostas existentes nos rei-

nos celestiais (Colossenses 1:16) ou os desafios ao reinado de Cristo na era presente, todos se submeterão ao governo do Senhor Jesus. Paulo não estava indicando que Cristo não seria mais digno de “todo principado e toda potestade e poder”. Pelo contrário, ele estava afirmando que o amplo desígnio ou propósito de Deus para a redenção da humanidade estará concluído. A sabedoria exige que confiemos no governo de Deus e não especulemos mais sobre a transição do poder de Cristo para Deus. Paulo não disse nada sobre um reinado intermediário de mil anos na terra, entre Sua segunda vinda em glória e a consumação de todas as coisas. Qualquer doutrina dessa linha é invenção humana.

Versículo 25. Jesus deve **reinar** sobre a Sua igreja. Ele é Rei de um povo (Mateus 2:2; 27:11; Lucas 19:38; Colossenses 1:13) e o Cabeça da assembléia dos primogênitos (Hebreus 12:23). Distinções sutis entre a igreja e o reino de Deus são para uma era posterior; querer salientar essas distinções no Novo Testamento é forçar a interpretação. No verso anterior, Paulo afirmou que Cristo abolirá todo principado e potestade [autoridade] que tente rivalizar com Sua realeza (1 Coríntios 15:24). No entanto, na frase **até que haja posto todos os inimigos debaixo dos pés**, o sujeito da ação é incerto. É Deus quem põe todas as coisas sob os pés de Cristo, ou é Cristo mesmo quem submete todos os outros poderes? A conjunção **porque** une 15:25 ao pensamento do versículo anterior, que está falando de Cristo; mas Deus é claramente o sujeito do Salmo 8:6, que é citado em 15:27. Aparentemente, Deus é o sujeito em 15:25 também. Deus colocará “todos os inimigos [de Cristo] debaixo dos pés”. As palavras “debaixo dos pés” ecoam a mesma ideia encontrada em Salmos 8:6 e 110:1. “Deus é o agente e a fonte do poder, e Cristo é Aquele a quem todas as coisas estão sujeitas.”²²

O Cristo encarnado, que resgatou homens e mulheres do pecado, governa no ínterim entre a Sua ascensão e a Sua *parousia* no fim dos tempos. Qualquer distinção a ser feita entre o reino do Pai e o reino do Filho está oculta na Divindade. Paulo mal sugeriu uma distinção. Aqueles que aceitam o Pai o fazem aceitando e se submetendo ao Filho. Aqueles que vierem a Deus através de Cristo participarão de Seu triunfo quando Ele voltar (veja Romanos 14:9). Qualquer vitória momentânea do mal na presente

em nada resultará. A ressurreição de Cristo é a garantia da vitória final.

Versículo 26. Desde o princípio, em termos físicos, a morte significa a parada respiratória, o fim da consciência e do movimento; mas mesmo na primeira alusão à morte e ao morrer (Gênesis 2:17), Deus deu a entender que ela tem uma dimensão além do aspecto físico. Quer personificada na figura tenebrosa do ceifador com a foice na mão, quer na figura do **último inimigo**, a morte é a antítese da vida. A vida é um símbolo de alegria, de pertencer a um lugar, de amor, família, contentamento e satisfação; a morte é o oposto da vida. Jesus tomou da morte o seu aguilhão (15:55, 56). Ele veio para que todos tenham a melhor vida possível (João 5:24; 10:10).

Não só a ressurreição corpórea é assegurada aos crentes através da ressurreição de Jesus, as primícias, mas a ressurreição de Jesus também garante Sua vitória final sobre todos os inimigos, incluindo a própria “morte”. Até que Cristo venha de novo, o pecado e a “morte” têm poder no mundo dos homens; porém, no fim, até ela será abolida. A morte veio pelo pecado; a vida vem através dAquele que ressuscitou dos mortos. A morte não existirá depois que Seu triunfo estiver completo.

As palavras que Paulo citou têm, no contexto de Salmos 8:6, uma aplicação geral. “Que é o homem [em geral]”, indagou o salmista, “que dele Te lembres...?” (Salmos 8:4). Paulo aplicou essas palavras especificamente a Jesus de Nazaré (veja Hebreus 2:5–8). O salmista afirmou que Deus deu ao homem “domínio sobre as obras da Tua mão e sob seus pés tudo Lhe puseste”. Paulo encontrou uma aplicação única dessas palavras no último homem, isto é, no Cristo encarnado. Por causa da encarnação e da resultante morte e ressurreição do Filho, Deus agora “todas as coisas sujeitou debaixo dos [Seus] pés” (1 Coríntios 15:27a). O governo de Jesus manifesta-se particularmente no fato de ter Ele purificado para Si um povo santo (veja 1 Pedro 1:14–19). Ele reina sobre a Sua igreja.

Versículo 27. O apóstolo esclareceu essa verdade. A tradução **e quando diz** coloca o sujeito oculto na terceira pessoa do singular (ἐἴπη, *eipe*); devendo o contexto determinar o que “ele/ela” diz. Considerando que Paulo estava citando o salmo, poderíamos substituir o pronome oculto por “Escritura”: “quando a *Escritura* diz”. O que a Escritura diz, Deus disse; e o que Deus disse nas Escrituras era a idéia principal que Paulo tinha em mente. **Certamente**, comentou o apóstolo, **exclui Aquele que tudo Lhe**

²²David E. Garland, *1 Corinthians*, Baker Exegetical Commentary on the New Testament. Grand Rapids, Mich.: Baker Academic, 2003, p. 711.

subordinou. Deus Pai não foi subordinado ao Filho. Embora o Pai e o Filho sejam inseparáveis quanto ao domínio e à glória, Paulo não hesitou em declarar a prioridade do Pai. As Escrituras nunca falam do Pai se subordinando ao Filho. O Pai conferiu uma missão ao Filho (João 5:36); o Filho fez a vontade do Pai (João 4.34). Paulo afirmou que a obra singular de Jesus na encarnação capacitou-O para exercer domínio no Seu reino (Efésios 1:22, 23), mas Seu governo era compatível com a supremacia de Deus.

Versículo 28. Em toda a carta, somente neste versículo e em 1:9, Paulo de fato se referiu a Jesus como o **Filho** de Deus. O apóstolo não se referiu ao Pai e ao Filho como se disputassem entre si a supremacia. É difícil imaginar por que haveria competição dentro da Trindade. O Pai e o Filho têm a mesma mente e são o mesmo Ser. Juntos, com o Espírito Santo (veja 6:19; 12:3), eles são um só Deus. A distinção feita por Paulo tinha a ver com o papel de Jesus como Salvador e Cabeça sobre o Seu povo. Ele reina como um deles. Quando Ele voltar para o juízo final, para a ressurreição e para levar Seu povo para a eternidade, Seu papel único como mediador chegará ao fim (1 Timóteo 2:5; veja 1 Coríntios 8:6). Nesse dia, Ele **também se sujeitará Àquele que todas as coisas Lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos.** O Deus que “tudo em todos” é a Divindade.

A implicação é que, entre a ascensão do Filho e Sua *parousia* no fim dos tempos (15:24), o Filho tem uma porção de poder e autoridade que acompanha a Sua vida e morte na esfera humana. Mesmo agora, a autoridade do Filho não opera em detrimento da glória ou soberania do Pai. O Pai conferiu uma missão ao Filho com base em Sua encarnação. Pai e Filho estão perfeitamente unidos no mesmo plano eterno para a redenção.

A mensagem de Cristo é um convite a uma entrega de todo o coração até ao ponto da morte (Lucas 14:26, 27). A ressurreição dos mortos, argumentou Paulo, é o que conecta a fé no Mestre Galileu à vida radical que Ele exigiu. Sem a perspectiva de vida na era vindoura, só um tolo escolheria submeter-se a perigo, sofrimento e morte, sendo seguidor de Jesus. A ressurreição corpórea não é um apêndice da confissão cristã; ela faz parte do âmago da fé em Cristo.

UM GRANDE “POR QUÊ?” (15:29–34)

²⁹Doutra maneira, que farão os que se bati-

zam por causa dos mortos? Se, absolutamente, os mortos não ressuscitam, por que se batizam por causa deles? ³⁰E por que também nós nos expomos a perigos a toda hora? ³¹Dia após dia, morro! Eu o protesto, irmãos, pela glória que tenho em vós outros, em Cristo Jesus, nosso Senhor. ³²Se, como homem, lutei em Éfeso com feras, que me aproveita isso? Se os mortos não ressuscitam, comamos e bebamos, que amanhã morreremos. ³³Não vos enganeis: as más conversações corrompem os bons costumes. ³⁴Tornai-vos à sobriedade, como é justo, e não pequeis; porque alguns ainda não têm conhecimento de Deus; isto digo para vergonha vossa.

Versículo 29. Estudiosos da Bíblia têm oferecido inúmeras maneiras de explicar as dificuldades deste versículo. Muitos desses estudos mais demonstram ingenuidade por parte dos expositores do que oferecem explicações sensatas. Sistemas doutrinários inteiros já foram desenvolvidos na dependência da interpretação literal desse versículo. Outros sugerem que os coríntios estavam praticando algum tipo de batismo vicário em favor de pessoas que já haviam morrido. Nessa hipótese, esse é o único registro desse desvio no Novo Testamento. Além disso, a explicação apresenta uma dificuldade considerável, tendo em vista a forma casual como Paulo mencionou e, em seguida, abandonou o assunto. Se os cristãos estavam sendo batizados no lugar de amigos incrédulos ou parentes já falecidos, é inconcebível que Paulo tivesse mencionado a prática sem tentar corrigi-la. O apóstolo não era tímido ao confrontar distorções da doutrina cristã. Em todos os casos em que Paulo discutiu o batismo (Romanos 6:3–7; 1 Coríntios 6:11; Gálatas 3:27; Colossenses 2:12; Tito 3:5), ele falou de uma resposta de fé da parte do indivíduo que está sendo batizado.

Apesar das dificuldades decorrentes da ideia de que os coríntios estariam praticando uma espécie de batismo vicário, para alguns expositores, essa explicação é a mais viável. Herman Ridderbos escreveu: “É possível que ele estivesse citando um costume praticado entre seus oponentes que ele mesmo não incentivava”²³. Para que isso seja verdade, Paulo teria visto a prática como inofensiva, mesmo sabendo que não trazia benefício algum. Talvez

²³Herman Ridderbos, *Paul: An Outline of His Theology*, trad. John Richard DeWitt. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1975, p. 25.

as palavras do apóstolo – **Se, absolutamente, os mortos não ressuscitam, por que se batizam por causa deles?** – sugeriram a desaprovação de tal prática. Era de se esperar uma rejeição mais explícita da doutrina, mesmo que esta reforçasse o ensino do apóstolo sobre a ressurreição. No entanto, Paulo parece ter se excluído de tal prática. **Que farão os que se batizam...?**, perguntou ele – em vez de “Que faremos...?” O sentido da pergunta parece ser: “Qual é a utilidade de ser batizado ‘pelos mortos’, se não vai acontecer uma ressurreição dos mortos?”. Esta seria uma boa paráfrase: “Algumas pessoas que negam a ressurreição batizam em favor dos mortos. Que sentido isso faz?”²⁴

Outra possível interpretação é que Paulo estaria se referindo a uma pessoa compreender o valor do batismo depois de pensar naqueles que já haviam morrido. Quem chegou a crer em Cristo pode querer ser batizado depois de perceber que, assim como outros morreram, ele morrerá e enfrentará o Senhor quando a última trombeta soar. David E. Garland parafraseou o pensamento de Paulo da seguinte maneira: “Se não há ressurreição dos mortos, então o batismo se torna um rito inútil que representa ilusoriamente algo que não acontecerá”²⁵. É difícil forçar a preposição *ὑπέρ* (*hyper*) a significar “com vistas a”, mas Paulo não estava imune a ampliar o significado de palavras comumente usadas.

Outra possibilidade é que Paulo se referiu ao batismo de crentes como um testemunho da fé de alguém que morrera inesperadamente. Um crente dedicado poderia ter sido batizado, a fim de expressar a fé do falecido. Ele teria tomado essa atitude como um apelo desesperado à clemência e à graça de Deus. Esse cenário poderia explicar por que Paulo não disse mais nada sobre o assunto. Talvez o apóstolo estivesse cedendo ao sofrimento dos que foram batizados pelos mortos.

Nenhuma explicação das palavras de Paulo é completamente satisfatória. Contudo, muitos tiram conclusões descartáveis, com base nesse versículo. (1) Uma vez que a palavra “mortos” está no plural no grego, o versículo não pode significar ser batizado em nome do Jesus morto, como sugeriram al-

guns. (2) Não havendo outro ensinamento no Novo Testamento sobre batismo pelos mortos, podemos seguramente ignorar a noção de que há alguma eficácia em uma pessoa ser batizada para lavar os pecados de outra (veja Atos 22:16). O batismo que salva é uma resposta de fé da parte de um crente arrependido que está sendo batizado.

Versículo 30. Desviando o foco dos coríntios para si mesmo, Paulo perguntou por que ele e outros pregadores deveriam pôr em perigo suas vidas por causa de Cristo, se não havia ressurreição dos mortos. Ainda que o apóstolo considerasse a possibilidade de vida após a morte sem ressurreição corpórea, ao que parece, ele não via validade ou atração nesse pós-morte.

Para os pensadores gregos, a noção de que um corpo físico sobreviveria à morte era o cúmulo da ignorância não sofisticada. Em Atenas, por exemplo, o apóstolo parece ter recebido um parecer positivo até falar da ressurreição dos mortos (Atos 17:32). Alguns dos opositores de Paulo podem ter duvidado da sua autoridade apostólica, porque ele não era eloquente na fala (2 Coríntios 10:10). Alegaram que ele não tinha iluminação filosófica (veja 1 Coríntios 2:6). A resposta do apóstolo a seus críticos foi que tudo o que lhe faltava no intelectualismo, ele compensara com uma fé inflexível. Ele estava pronto para morrer pelo que acreditava; os filósofos instruídos não.

Paulo não hesitou em refutar seus críticos. Se lhe faltava alguma sabedoria, esta era de uma espécie terrena. O apóstolo entendeu a obra de Deus por meio de sua fraqueza em ser um sinal da glória de Deus. Não tinha pretensão de aprender a filosofar. Além disso, os constantes perigos enfrentados comprovavam sua dependência da providência de Deus. Paulo perguntou aos coríntios por que eles supunham que ele viveria e ensinaria como fez, se não houvesse ressurreição dos mortos. Por que ele se exporia a **perigos a toda hora?**

Versículo 31. Quando Paulo disse **Dia após dia, morro!**, ele queria dizer que vivia em constante perigo. Enfrentava a possibilidade de ser preso ou morto a qualquer momento. Tinha inimigos por toda parte, mas não tomava como fardo o seu sofrimento pelo evangelho (veja Atos 9:16; 2 Coríntios 11:23–27). Estava disposto a arriscar a vida pela satisfação e alegria decorrentes do avivamento da fé de cristãos como os de Corinto, e pela glória de Deus e salvação das almas. A palavra *νή* (*nē*, “afirmar”), usada tipicamente para introduzir um juramento, ocorre

²⁴Richard DeMaris examinou opiniões religiosas em Corinto que poderiam influenciar os cristãos a batizarem pelos mortos. (Richard DeMaris, “Corinthians, Religion and Baptism for the Dead [1 Cor. 15:29]: Insights from Archaeology and Anthropology,” *Journal of Biblical Literature* 114. Inverno de 1995, pp. 661–82.)

²⁵Garland, p. 719.

somente neste versículo do Novo Testamento. O apóstolo usou-a para, solene e firmemente, atestar a veracidade do que escrevia. Uma versão mais livre seria: “Todo dia, eu morro: juro pelo orgulho que tenho de vocês, meus amigos – pois em Cristo Jesus, nosso Senhor, tenho orgulho de vocês”.

O significado da expressão **pela glória que tenho em vós outros** levanta perguntas. O texto original enfatiza as palavras “em vós”. O sentido é “por juramento solene, apelo ao vosso orgulho”. O apóstolo talvez estivesse confirmando solenemente o perigo em que viveu, dizendo que era tão certamente verdadeiro quanto a “glória” [“orgulho”; NVI] deles pelas bênçãos em Cristo. O grego permite a possibilidade de que a referência de Paulo seja à satisfação e à alegria que revestiu os cristãos coríntios na confissão de fé. A outra possibilidade é que o apóstolo se referia à sua própria glória/orgulho, sua própria satisfação e alegria naqueles irmãos. A última parte do versículo esclarece que a “glória” em questão era o orgulho que ele tinha nos coríntios **em Cristo Jesus, nosso Senhor**. O apóstolo expressou a veracidade do que disse, invocando o juramento de que, por meio de sua pregação, eles tinham vida em Cristo. Esse orgulho era definido e viabilizado pelo fato de estarem em Cristo Jesus.

Versículo 32. Deixando de lado a ressurreição e a inerente esperança de vida eterna, Paulo admitiu estar ciente de que alguns enxergariam motivos ocultos em sua disposição de arriscar a própria vida. Alguns diriam que o apóstolo agiu **como homem**, ou seja, “por meras razões humanas” (NVI) (*κατὰ ἄνθρωπον, kata anthrōpon*; 15:32), isto é, por qualquer prestígio ou ambições que ele tivesse como líder da comunidade cristã. O apóstolo negou que “meras razões humanas” explicavam o que ele tinha suportado. Em Corinto, sua vida estivera em perigo (Atos 18:12); e na ocasião dessa carta, a mais de trezentos quilômetros do outro lado do mar Egeu, o risco não dera trégua. Ele já podia dizer: **Lutei em Éfeso com feras**.

Autores de tendência estóica costumavam descrever uma experiência extraordinariamente difícil ou perigosa como “uma luta com feras”²⁶. É improvável que Paulo quisesse dizer que ele foi literalmente levado a uma arena para lutar com animais, embora alguns atribuam esse significado à frase.

²⁶Exemplos do uso dessa expressão figurada da antiguidade são citados em Abraham Malherbe, “The Beasts at Ephesus,” *Journal of Biblical Literature* 87. Março de 1968, pp. 71–80.

Provavelmente, Paulo não teria sobrevivido a tamanha provação; poucos conseguiram essa façanha. Paulo tinha enfrentado alguns tribunais severos em Éfeso, mas ele não entrou em detalhes sobre como transcorreram. Ele passou três anos em Éfeso (veja Atos 20:31), mas não se sabe quanto tempo ele esteve ali antes de escrever 1 Coríntios. Certamente ele não se referia ao tumulto liderado pelos artífices, pois foi nessa ocasião que ele saiu da cidade (Atos 19:24, 25; 20:1; veja 2 Timóteo 4:14).

As provações de Paulo testificavam que não havia razão para o apóstolo se submeter a essas provações severas, se não houvesse ressurreição dos mortos. Sem esperança na vida futura, essas dificuldades não teriam proveito algum. No lugar de passar por elas, o melhor curso de ação seria o do hedonista²⁷: “Comamos e bebamos, que amanhã morreremos” (Isaías 22:13d). O fatalismo perceptível nessa declaração estava enraizado na mentalidade popular, em muitos lugares do mundo greco-romano. O sentido era este: “Se você não acredita em uma ressurreição dos mortos, seja corajoso o suficiente para levar seu pensamento à conclusão lógica. Desfrute de quaisquer prazeres insignificantes que você encontrar no momento, porque tudo o que o futuro reserva é a morte”. Frases como a latina *carpe diem* (“aproveite o dia”) estão mergulhadas na mesma filosofia. Se a morte e o túmulo são o único futuro que alguém pode esperar, agora é tudo o que importa.

Versículo 33. Aqueles que negavam a ressurreição do corpo para os salvos, no fim dos tempos, eram más influências que Paulo queria que seus leitores evitassem. Aparentemente, alguns coríntios haviam descartado a ressurreição corpórea de forma muito despreocupada. É difícil reconstruir as dificuldades precisas enfrentadas por Paulo em Corinto. Os leitores modernos são deixados a especular, mas alguns crentes coríntios podem ter alegado já ter experimentado a ressurreição. Por alguma combinação de incompreensão e distorção deliberada, podem ter alegado que Paulo ensinou que o batismo consistia em uma ressurreição para uma nova vida (veja Romanos 6:4). Acreditando que já haviam ressuscitado e se assentado com Cristo, não tinham medo de imoralidade ou pecado. Paulo refutou essa ideia reafirmando um princípio importante; ele deixou claro que a confissão de fé dos cristãos não

²⁷O hedonista vive em busca de prazer e satisfação excessiva dos próprios desejos.

pode ser desassociada da moralidade que praticam.

O provérbio **as más conversações corrompem os bons costumes** penetrou a era moderna partindo de várias fontes da literatura secular antiga. As palavras que Paulo citou aqui são comumente atribuídas a Menandro de Atenas (ca. 300 a.C.). “As más companhias” [versão mais literal da NVI] (ὁμιλίαι κακαί, *homiliai kakai*) em questão dizem respeito às amizades que o indivíduo mantém e às consequentes crenças difundidas por esses amigos. A tradução da ARA tem seu toque de verdade; mas o assunto do apóstolo é mais abrangente do que as palavras faladas. “Bons” traduz o adjetivo χρηστός (*chrēstos*), que modifica “costumes”. A palavra geralmente significa “útil”, mas neste contexto o significado é “ser moralmente bom e benevolente”²⁸. Associar-se e aprovar o mal – mesmo a aprovação verbal, insinuou Paulo – é participar do mal. As palavras, inevitavelmente, influenciam os frutos de uma vida. Este significado “está em concordância com o ideal israelita e helênico de moralidade como exibição de utilidade dentro da estrutura sociopolítica”²⁹.

Versículo 34. Paulo rogou que os coríntios abandonassem a insensata rejeição da ressurreição corpórea na segunda vinda do Senhor. **Tornai-vos à sobriedade, como é justo**, escreveu ele, **e não pequeis**. No grego, o tempo presente sugere que, enquanto eles tolerassem a falsa doutrina, sua relação com Cristo estaria em perigo. O pecado não se restringe a ofensas como roubar e mentir. Crenças também podem ser pecaminosas, tanto quanto a aceitação de crenças que negam doutrinas fundamentais. Para vergonha dos coríntios, eles haviam tolerado e feito concessões a ensinamentos destituídos do conhecimento de Deus. Paulo estava disposto a rogar a seus leitores visando ao bem deles. O apóstolo tanto os louvou quando houve questões louváveis, quanto os censurou quando a situação o exigiu. Seu objetivo não era ganhar popularidade, mas levar aqueles irmãos a serem piedosos.

DIFERENTES TIPOS DE CORPOS (15:35–41)

³⁵Mas alguém dirá: Como ressuscitam os mortos? E em que corpo vêm? ³⁶Insensato! O que semeias não nasce, se primeiro não morrer;

²⁸Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3rd ed., rev. e ed. Frederick William Danker. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 1090.

²⁹Ibid.

³⁷e, quando semeias, não semeias o corpo que há de ser, mas o simples grão, como de trigo ou de qualquer outra semente. ³⁸Mas Deus lhe dá corpo como lhe aprouve dar e a cada uma das sementes, o seu corpo apropriado. ³⁹Nem toda carne é a mesma; porém uma é a carne dos homens, outra, a dos animais, outra, a das aves, e outra, a dos peixes. ⁴⁰Também há corpos celestiais e corpos terrestres; e, sem dúvida, uma é a glória dos celestiais, e outra, a dos terrestres. ⁴¹Uma é a glória do sol, outra, a glória da lua, e outra, a das estrelas; porque até entre estrela e estrela há diferenças de esplendor.

Versículo 35. Alguns basearam a negação da ressurreição na incapacidade de os oponentes a explicarem em termos racionais. Qualquer um poderia constatar que o corpo físico decai. Como, então, ele poderia ser levantado? A declaração de Garland está parcialmente correta:

O erro dos coríntios não tem origem em alguma rebelião doutrinária deliberada, mas em sincera confusão, dada a cosmovisão grega que possuíam. Eles não compreendem como um corpo terreno, que é físico e perecível, pode ser transformado em um corpo apropriado para um reino celestial, que é espiritual e imperecível.³⁰

A confusão foi, sem dúvida, um fator; porém a instrução para que “parassem de pecar” em 15:34 indica que algo mais do que confusão estava envolvido.

Paulo usou um recurso retórico conhecido como “diatribe” para persuadir os irmãos coríntios. Ele colocou palavras plausíveis na boca de um oponente imaginário (veja Romanos 9:19, 11:19; Tiago 2:18) e, a seguir, interagiu apresentando argumentos. Seu propósito era persuadir os coríntios de que Deus é perfeitamente capaz de fornecer um corpo celeste para cada participante do Seu povo – um corpo no qual a vida eterna em uma dimensão espiritual pode ser desfrutada. Ainda que as perguntas subsequentes, de fato, possam ter sido levantadas por alguns coríntios, Paulo não tinha em mente alguém em particular. Um cético poderia perguntar: **Como ressuscitam os mortos? E em que corpo vêm?** Pela primeira vez no capítulo, Paulo escolheu usar a palavra “corpo”. A dúvida expressa nestas perguntas tinha mais aparência do que realidade de sabedoria. Eram propostas, afirmou Paulo afirmou, sem considerar muito a revelação de Deus sobre Si mesmo e

³⁰Garland, p. 678.

sem levar em conta a experiência humana comum.

Versículo 36. Com a severa e impactante palavra **insensato** (*ἄφρων*, *afrōn*), Paulo confrontou aqueles que pensavam que suas perguntas inteligentes silenciariam qualquer discussão sobre ressurreição. Numa linguagem mais atual, ele estava dizendo: “Que perguntas estúpidas!”

Versículo 37. Paulo exigiu que esses duvidosos olhassem os exemplos oferecidos pela natureza à sua volta. O pronome oculto em português, “tu”, é enfático no texto original. “Até tu”, Paulo estava dizendo, “não semeias um talo de trigo sem esperar que ele produza um talo de trigo”. Quando se semeia uma semente, a destruição dela resulta em morte; mas o processo traz vida nova. A vida brota da morte. A planta produzida pela semente é diferente da semente, mas há continuidade entre a semente e a planta. Os seres humanos, também, devem morrer para viver. A carne morrerá, mas na sua destruição há a perspectiva de um novo corpo espiritual. A destruição da carne não requer o fim da vida corpórea. As perguntas feitas por aqueles que rejeitavam o conceito de vida eterna em forma corpórea não se atentavam para o mundo material.

Jesus usou o mesmo princípio da vida brotando da morte para salientar um ponto diferente, mas correlacionado. Na época em que o Senhor estava prestes a morrer, alguns judeus de língua grega estavam indo adorar na Páscoa. Eles queriam se encontrar com Jesus. Ao modo enigmático característico do relato do Evangelho de João, Jesus incentivou esses homens curiosos a mudar de perspectiva, dizendo: “Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto” (João 12:24).

A destruição da semente não é um obstáculo ao surgimento de uma bela planta. De modo semelhante, a morte e a destruição do corpo físico não precisam apresentar algum obstáculo à ressurreição de um corpo muito mais maravilhoso do que aquele que morreu. O Deus que tem poder para ocasionar eventos inexplicáveis na natureza também tem poder para cumprir a Sua promessa de dar aos Seus um corpo pós-ressurreição. Como participantes de uma vida física, é difícil para muitos entender como corpos terrenos serão transformados em formas corpóreas adequadas para a era vindoura. Homens e mulheres de fé devem simplesmente confiar que Deus transformará seus corpos como Ele faz a um **simples grão, como de trigo**, sem saber os meios que Ele utiliza. Um observador humano pode exa-

minar uma ervilha e um seixo sem entender os meios usados pelo Criador para transformar um em uma planta com flores, enquanto o outro jaz inerte. Paulo argumentaria que o corpo humano tem o potencial da ervilha, e não a inércia do seixo.

Versículo 38. Quando uma semente germina e dá vida a um novo **corpo**, Deus está em ação. É Deus quem dá à semente a vida que brota de sua própria destruição. Deus dá a cada semente sua própria forma; ou seja, Ele determina que tipo de planta crescerá a partir da semente. Paulo observou que, ao considerarem a natureza do corpo ressurreto, os cristãos precisam levar em conta o maravilhoso poder de Deus. Ele pode fazer o que é inconcebível para aqueles que vivem nesta era. A continuidade entre as sementes e os corpos que elas produzem não deve ser ignorada. Nossos corpos celestiais serão formados com base nas matrizes dos corpos que temos aqui na terra. A individualidade de cada um será preservada.

Um aspecto importante para o raciocínio do apóstolo é que uma semente e sua respectiva planta, embora consideravelmente diferentes, são ambas substâncias materiais. Nenhuma delas é uma entidade puramente espiritual. Esta foi a opinião apresentada por Wayne Grudem:

Em suma, se Jesus e os autores do Novo Testamento quisessem nos ensinar que o corpo da ressurreição será, essencialmente e como de costume, um corpo não material, poderiam ter feito isso; porém, deram muitos indícios claros de que ele será o costumeiro corpo físico e material, embora aperfeiçoado, liberto para sempre da fraqueza, doença e morte.³¹

Versículo 39. Neste ponto, as analogias de Paulo, se não o seu raciocínio, mudaram. Passando do mundo vegetal para o mundo animal, o apóstolo apresentou argumentos adicionais para complementar os pontos que ele acabara de expor. Assim como Deus deu muitas formas à vida vegetal, sendo que cada semente produz um tipo distinto de planta, **uma é a carne dos homens, outra, a dos animais, outra, a das aves, e outra, a dos peixes**. Nessa citação das plantas que as sementes produzem, Paulo demonstrou que Deus tem poder para transformar um corpo de modo que ele continue sendo material, mas tenha uma forma e uma função distintas. Citando os diversos tipos de carne, o apóstolo continuou

³¹Wayne Grudem, *Teologia Sistemática*, ed. especial. São Paulo: Edições Vida Nova, 2011, p. 623.

a usar a própria natureza para ilustrar que Deus fez substâncias diferentes, mas semelhantes para atender às necessidades de cada forma de vida. Deus formará um corpo celestial com essas substâncias de tal maneira que ele seja compatível com a vida celestial.

A palavra-chave em 15:39 é “carne”; em 15:40 e 41, é “glória”. Assim como a carne no reino animal difere em tipo, os corpos terrestres e os luzeiros celestiais diferem em glória. Aqueles a quem Paulo estava se dirigindo duvidavam, ou pelo menos questionavam a continuidade entre coisas materiais e aquilo que sobrevive à morte do corpo. Pensavam em si mesmos como espíritos sepultados em carne e sujeitos a suas limitações, de modo que consideravam a morte uma libertação da carne. Paulo rejeitou tal pensamento. Ele sabia que Deus, no princípio, criou coisas materiais e as declarou boas (Gênesis 1:31).

Versículo 40. A glória de Deus se faz presente em **corpos celestiais e corpos terrestres**. A glória de uma árvore ou de uma montanha não é igual à glória da lua ou das estrelas, mas cada uma, à sua maneira, reflete a eterna sabedoria e poder do Criador. Assim como Deus tem poder para dar glória aos corpos físicos, Ele também tem poder para conceder a glória do Seu próprio *design* aos corpos que viverão para sempre no reino celestial.

Versículo 41. Paulo não se debruçou sobre a glória das cenas terrenas, embora pudesse tê-lo feito. Em vez disso, ele virou a atenção para as glórias dos céus. A diversidade é evidente. **Uma é a glória do sol**, disse ele, **outra, a glória da lua**. Deus não se limita a um tipo de carne ou a um tipo de esplendor. À medida que o conhecimento científico avançou, a glória dos corpos de carne e sangue tornou-se mais evidente. Ainda assim, os corpos envelhecem e se deterioram. Os corpos terrestres estão sujeitos a doença e morte. Paulo argumentou que Deus tem poder para criar corpos sem as limitações evidentes da carne. Ele se explicou apontando para a glória imutável manifestada nas estrelas do céu. Ele contrastou os frágeis corpos de carne com as estrelas imutáveis. Deus tem o poder e a sabedoria para transformar os corpos terrestres em celestes. As limitações da carne não impossibilitam a existência corpórea nos reinos celestiais.

Paulo já fizera alusão a paralelos entre o primeiro Adão e Jesus Cristo, o segundo Adão (15:22). Sua carta aos romanos, escrita alguns anos depois, desenvolve a analogia entre os dois mais plenamente. Em Romanos 5:14–19, Paulo esboçou as consequências do pecado de Adão em vista da redenção

decorrente da morte e ressurreição de Cristo. Em 1 Coríntios, ele mostrou que o Cristo ressuscitado é um modelo para a ressurreição dos remidos. O corpo ressuscitado de Cristo é a garantia de um corpo ressuscitado para cada cristão.

Ainda que o corpo ressuscitado de Cristo fosse o mesmo que entrou no túmulo, ele havia sido gloriosamente transformado. O corpo da ressurreição terá continuidades e descontinuidades com o corpo de carne e sangue. Essa verdade é o que os olhos da fé podem ver.

O ÚLTIMO ADÃO (15:42–49)

⁴²Pois assim também é a ressurreição dos mortos. Semeia-se o corpo na corrupção, ressuscita na incorrupção. Semeia-se em desonra, ressuscita em glória. ⁴³Semeia-se em fraqueza, ressuscita em poder. ⁴⁴Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual. ⁴⁵Pois assim está escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente. O último Adão, porém, é espírito vivificante. ⁴⁶Mas não é primeiro o espiritual, e sim o natural; depois, o espiritual. ⁴⁷O primeiro homem, formado da terra, é terreno; o segundo homem é do céu. ⁴⁸Como foi o primeiro homem, o terreno, tais são também os demais homens terrenos; e, como é o homem celestial, tais também os celestiais. ⁴⁹E, assim como trouxemos a imagem do que é terreno, devemos trazer também a imagem do celestial.

Versículo 42ab. Paulo não infundiu especulação filosófica na exposição sobre a fé na **ressurreição dos mortos**. A verdade de que Deus tem o poder, o conhecimento e a vontade de transformar o carnal em espiritual se evidencia na diversidade de carnes e glórias visíveis nos corpos naturais. A sabedoria dos homens confunde equivocadamente coisas materiais com o mal e os caídos, demonstrando a inadequação da sabedoria humana (2:5).

O corpo projetado por Deus para a vida na terra, disse o apóstolo, é **semado**. Como tal, ele está **na corrupção** (*φθορά*, *fhora*), sendo “perecível” (NVI). O corpo criado para a vida na eternidade **ressuscita[rá] na incorrupção** (*ἀφθαρσία*, *afharsia*), sendo “imperecível” (NVI). “Corrupção” pode incluir uma propensão à rebelião contra Deus, ou pode apenas sugerir que o corpo terrestre está sujeito à destruição física. Visto que o poder destruidor do pecado não parece ter sido a preocupação

de Paulo aqui, a tradução da NVI é a melhor. O que “se semeia” são os corpos que Deus fez para a Sua criação neste mundo.

Versículo 42c e 43. Paulo continuou a contrastar o corpo terrestre com o corpo que será ressuscitado. Os corpos terrestres da era atual são semeados **em desonra e em fraqueza**. Na ressurreição, os corpos serão transformados para que manifestem **glória e poder**. Os corpos de carne têm sua própria maneira de humilhar os orgulhosos. Um corpo orgulhoso é reduzido pela idade a um corpo frágil; uma mente lúcida pode se tornar temerosa e confusa.

O apóstolo não estava defendendo uma ressurreição direta do mesmo corpo de carne e osso que entrou no túmulo. Os que duvidam da ressurreição perguntam o que acontecerá a um homem que morreu no mar e foi comido por um peixe que, por sua vez, foi consumido por outro homem. Estão tão equivocados quanto os filósofos gregos que pensavam que seus espíritos estavam aprisionados na carne. Nem os cétricos antigos nem os cétricos modernos conseguem contestar de maneira insuperável o fato de Deus ressuscitar os mortos. Deus não Se limita a recursos terrenos. A ressurreição dos mortos não requer os mesmos tipos de átomos e moléculas estudados pelos cientistas.

Versículo 44. Na maioria dos casos, pode-se traduzir um significado de uma língua para outra com uma imprecisão mínima; mas a expressão **corpo natural** (σῶμα ψυχικόν, *sōma psuchikon*) traz dificuldade. Paulo usou o adjetivo ψυχικός (*psuchikos*) para chamar a atenção às qualidades da vida arraigadas às limitações humanas. Essas qualidades aparecem tanto no elemento “corporal” quanto no “carnal”, mas são ainda mais abrangentes. Richard E. Oster Jr. argumentou o seguinte:

A palavra “natural” resume todos os conceitos associados com as palavras antecedentes (15:42–43), tais como corrupção, desonra e fraqueza, ao passo que “espiritual” está alinhado a ideias como incorrupção, glória e poder.³²

O corpo da ressurreição não será limitado pela fraqueza inerente a um corpo terrestre; porém, quando Paulo disse que o corpo na era vindoura será **espiritual**, ele não estava ensinando que seria imaterial. Enquanto o corpo terrestre é adequado para as necessidades desta vida terrena, o corpo

espiritual irá atender às necessidades da vida espiritual. Deus escolheu não revelar mais nada sobre a natureza do corpo espiritual; mas o apóstolo insistiu que, assim como há um corpo terrestre, haverá um espiritual.

É difícil imaginar a existência sem algum tipo de corpo. Um espírito desencarnado, presumivelmente, não teria nenhuma limitação dentro dos parâmetros espaciais. A existência é concebível sem parâmetros espaciais? Agostinho confrontou os filósofos platonistas com a contradição envolvida na afirmação de que os espíritos são livres e abençoados quando se livram dos corpos materiais. Ele escreveu: “...não é, portanto, necessário fugir de todos os corpos para se obter a beatitude, mas fugir apenas dos corpos corruptíveis, molestos, gravosos e mortais; não é necessário fugir daqueles bons como os que a bondade de Deus modelou para os primeiros homens, mas apenas daqueles que se tornaram em castigo do pecado”³³.

Versículo 45. No princípio, quando Deus determinou fazer o homem à Sua própria imagem, Ele criou a humanidade com um corpo apropriado para a vida na terra. Depois de dizer que Deus formou o homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas, as Escrituras dizem: “E o homem passou a ser alma vivente” (Gênesis 2:7). Paulo parafraseou e adaptou a linguagem de Gênesis para: **O primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente**. Adão era uma unidade, um corpo e uma alma intrinsecamente combinados em um todo. Um corpo na ausência de uma alma seria como uma árvore na ausência de madeira ou flores ou folhas. Adão e sua descendência deveriam ser definidos como entidades compostas por corpo e alma.

Quando Paulo distinguiu “corpo natural” (σῶμα ψυχικόν, *sōma psuchikon*) de “corpo espiritual” (σῶμα πνευματικόν, *sōma pneumatikon*) em 15:44, ele usou adjetivos singulares neutros; mas em 15:45 ele queria chamar a atenção para o primeiro e o **último Adão**. Os resultados das escolhas feitas pelo primeiro Adão e o segundo foram completamente diferentes para a família humana. “O primeiro... Adão” tornou-se “alma vivente” (ψυχὴν ζῶσαν, *psuchēn zōsan*) porque Deus o quis. Antes do advento do pecado, o fato de Adão possuir uma alma não contém nenhuma sugestão de fraqueza ou desonra (15:43). O pecado significou a morte para Adão, o ser terreno e corporativo (15:21,

³²Richard E. Oster Jr., *1 Corinthians*, The College Press NIV Comentário. Joplin, Mo.: College Press Publishing Co., 1995, p. 398.

³³Agostinho, *A Cidade de Deus* 13.17.

22). “O último Adão”, como **espírito vivificante** (πνεῦμα ζωοποιόν, *pneuma zōopoion*), redimiu a família humana. Os tradutores teriam feito bem em usar letras maiúsculas para “Espírito vivificante”. O primeiro Adão trouxe morte para a alma vivente que Deus planejou que ele fosse. O último Adão, um “Espírito vivificante”, comprou um corpo espiritual para a vida na eternidade.

Versículo 46. O apóstolo procurava apenas reforçar seu raciocínio de que um corpo **espiritual** implica um corpo natural que o antecedeu. Garland deu a seguinte opinião:

O argumento de Paulo nessa passagem não tem nada a ver com a espiritualidade egocêntrica dos coríntios, mas com sua perplexidade sobre como um corpo terrestre pode ressurgir como um corpo celestial.³⁴

Paulo simplesmente não abordou a questão de o indivíduo conservar ou não a consciência no período entre a sua morte e a volta do Senhor no juízo final. Pelo menos, não o fez em 1 Coríntios 15; e talvez em nenhum outro lugar. Oster separou a crença coríntia na vida pós-morte da crença de Paulo na vida pós-ressurreição.

O corpo espiritual... não se refere à condição e ao estado do crente após a sua morte pessoal, mas ao corpo no momento, e somente no momento da volta de Cristo e do Fim.³⁵

Versículo 47. Paulo mostrou a continuidade entre o primeiro Adão e o último. O corpo, manchado pelo pecado e, portanto, sujeito à fraqueza e à desonra, deve ser transformado por Cristo em um corpo de esplendor e poder. A vida no céu será como a vida neste mundo, na medida em que ambas envolvem uma existência corporal.

O erro daqueles que negavam a ressurreição era entenderem que toda existência corporal era igual. Paulo assegurou-lhes que o corpo físico na terra, personificado em Adão, é de uma substância e natureza diferentes do corpo espiritual, personificado no Jesus ressuscitado. O nome “Adão” em si significa “da terra”. Paulo fez a sua observação contrastando o corpo do **primeiro homem**, Adão, formado da terra (ἐκ γῆς χοϊκός, *ek gēs choikos*, “da terra, terreno”), com o corpo da ressurreição do **segundo homem**, Jesus, que é do céu (ἐξ οὐρανοῦ, *ex ouranou*). O corpo de Jesus durante o período de Sua

encarnação não tem nada a ver com a ideia exposta por Paulo. Ridderbos disse-o bem:

Elas [as palavras *ex ouranou*] não falam da origem celestial de Sua humanidade em virtude de Sua pré-existência, mas da natureza espiritual e celestial de Sua humanidade em virtude de Sua ressurreição.³⁶

O sentido é que o segundo homem, isto é, o Jesus ressuscitado, é **do céu** – sendo que “de” pode significar procedente de ou “feito de”. Ele é “do céu” por causa de Sua ressurreição dos mortos. Em sua própria ressurreição, os fiéis participarão dessa natureza celestial, tornando-se “do céu”, isto é, na ressurreição que já começou em Cristo. Por ora, Jesus estampa o selo de Sua humanidade na presença de Deus (veja Filipenses 3:20, 21). Paulo não estava dizendo nada sobre o corpo terrestre de Jesus, antes da ressurreição. Ele não estava dizendo que Jesus em Sua encarnação era um homem do céu, como algumas doutrinas gnósticas afirmavam. Seu corpo físico enquanto esteve na terra participou da humanidade compartilhada por todos os descendentes de Adão.

Versículo 48. Paulo previu apenas dois modos de existência humana. A primeira é a vida neste mundo em um corpo formado da terra, **terreno** (ὁ χοϊκός, *ho choikos*). A segunda é a vida no céu em um corpo feito do que é **celestial** (ὁ ἐπουράνιος, *ho epouranios*). O que o apóstolo deixou de fora, é claro, é a existência durante o tempo entre a morte física e a visitação do Senhor no fim – a existência no chamado “estado intermediário”. Há declarações de Paulo e de outros escritores do Novo Testamento que podem ser consideradas (veja 2 Coríntios 5:1–10; Filipenses 1:23; 3:20, 21; 1 Tessalonicenses 4:13–17); mas quando tudo é examinado, a existência intermediária ainda deixa inúmeras dúvidas. Estar “nu” (2 Coríntios 5:2, 3) é o destino dos mortos em Cristo até que o Senhor volte? Essa é uma interpretação desta passagem. As perguntas são infinitas, e todas as respostas são especulativas. John McRay estava correto ao escrever esta resposta: “...não são essenciais à vida da fé e à alegria de viver na expectativa da ressurreição definitiva do corpo e do reencontro com Jesus Cristo”³⁷.

Versículo 49. A **imagem do que é terreno** que **trouxemos** ao nascer está nos corpos carnis da presente era. A **imagem do celestial** será um corpo mol-

³⁶Ridderbos, p. 76, n. 110.

³⁷John McRay, *Paul: His Life and Teaching*. Grand Rapids, Mich.: Baker Academic, 2003, p. 419.

³⁴Garland, p. 735.

³⁵Oster, p. 402.

dado como o corpo ressurreto do Senhor (Filipenses 3:20, 21). A admoestação para se viver piedosamente sempre se faz evidente nesta carta de Paulo. Em vez do futuro do indicativo *φορέσομεν* (*foresomen*, “traremos”), um número substancial de textos antigos apresenta o verbo num subjuntivo convidativo, *φορέσωμεν* (*foresōmen*, “tragamos”). A primeira opção de tradução se encaixa bem no contexto, mas a evidência textual favorece a segunda opção, como fez a ARA. Se aceitarmos essa última leitura, Paulo estava chamando seus leitores a adotar o modo de vida que o Cristo celestial propôs que o Seu povo vivesse em preparação para a eternidade.

O MISTÉRIO DA RESSURREIÇÃO (15:50–57)

⁵⁰Isto afirmo, irmãos, que a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorrupção. ⁵¹Eis que vos digo um mistério: nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos, ⁵²num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. ⁵³Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade. ⁵⁴E, quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então, se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória. ⁵⁵Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão? ⁵⁶O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. ⁵⁷Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo.

Paulo talvez tivesse dois motivos importantes para falar tão pouco do “estado intermediário” dos mortos. Primeiro, o apóstolo dependia da revelação do Senhor. No que diz respeito a esse assunto, ele aparentemente recebeu pouco. Segundo, Paulo esperava que a volta do Senhor acontecesse em breve. Ele antecipou que não se passaria um longo período entre a morte física de seus cristãos contemporâneos e o fim dos tempos.

A redação de 1 Tessalonicenses provavelmente antecedeu a de 1 Coríntios em uns quatro anos. Quando Paulo escreveu aos tessalonicenses, é possível que ele esperasse estar entre os vivos que presenciariam a volta do Senhor. Ele escreveu: “...nós,

os vivos, os que ficarmos até à vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que dormem” (1 Tessalonicenses 4:15). Em 1 Coríntios, após mais revelações, ele pode ter reconhecido a possibilidade de não estar vivo para esse evento. “Nem todos dormiremos”, escreveu, “mas transformados seremos todos” (15:51).

Os cristãos da época do Novo Testamento aguardavam com expectativa a volta de Cristo. Tiago escreveu: “Sede vós também pacientes e fortaleci o vosso coração, pois a vinda do Senhor está próxima” (Tiago 5:8). Em sua primeira carta, Pedro disse: “Ora, o fim de todas as coisas está próximo” (1 Pedro 4:7). Para os crentes, saber que o Senhor voltará faz cada dia ser vivido na expectativa desse evento. Além de Jesus voltar, Ele voltará em breve. A doutrina da igreja é que Ele vem logo, e então transformados seremos todos.

Versículo 50. Paulo estava pronto para sintetizar seus argumentos. Embora tenha deixado claro que os cristãos terão um corpo após a ressurreição, ele também declarou que o corpo da ressurreição não deve ser comparado com ao corpo de carne e osso que agora limita a existência humana. Esta carne está sujeita à **corrupção**; o corpo da ressurreição será incorruptível. Um corpo corruptível ou perecível não pode **herdar** o eterno ou a **incorruptão**, isto é, o **reino de Deus**. O corpo material não tinha as implicações negativas para Paulo que geralmente tinha para os pensadores gregos.

A palavra “corpo”, quando contrastada com a **carne**, representa o homem em dois modos diferentes de existência. Em contextos onde apenas este mundo está sendo considerado, o apóstolo usou os termos indistintamente (por exemplo, em Romanos 2:28, onde “carne” é igual a “corpo”). Em outras passagens, eles designam o homem de dois pontos de vista diferentes. Paulo usou a palavra “carne” quando quis apresentar o homem em sua fraqueza e transitoriedade. Apesar de o apóstolo não conceber uma ressurreição sem corpo, ele nunca se referiu a uma ressurreição da carne.

James D. G. Dunn disse-o nestas palavras:

Nossa carne atesta nossa fragilidade e fraqueza como meros seres humanos, nossa inescapabilidade da morte, nossa dependência da satisfação do apetite e do desejo, nossa vulnerabilidade à manipulação desses apetites e desejos.³⁸

³⁸James D. G. Dunn, *The Theology of Paul the Apostle*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1998, p. 78.

Na análise da existência humana, “corpo” é um termo mais positivo do que “carne”. As revelações de Paulo e do Antigo Testamento eram semelhantes no entendimento de que ter um corpo é um aspecto inerente ao que significa ser alma vivente.

Joachim Jeremias viu no resumo de Paulo, nos últimos versículos do capítulo 15, um contraste entre o que a volta do Senhor significará para os vivos e o que ela significará para aqueles que já morreram³⁹. Segundo Jeremias, o apóstolo usou “carne e sangue” para se referir àqueles que estão vivos, e usou “corrupção” (φθορά, *fhora*, “perecível”; NVI) para igualar aqueles que já morreram. Em 15:53, “corruptível” ou “perecível”, novamente, descreve os que morrem antes da volta do Senhor, e “mortal” descreve os que permanecem vivos. Paulo apresentou uma explicação sobre como a volta do Senhor permitirá que os vivos e os mortos participem da ressurreição. A proposta de Jeremias é uma explicação plausível do raciocínio do apóstolo, mas nada neste capítulo indica que os coríntios estavam incomodados e preocupados com os que já estariam mortos na volta do Senhor. Não parece recomendável importar as dúvidas dos cristãos tessalonicenses para Corinto (veja 1 Tessalonicenses 4:13)⁴⁰.

Versículo 51. A natureza do corpo da ressurreição e o processo pelo qual o povo de Deus substituirá o corruptível pelo incorruptível estão além da compreensão humana; é um **mistério**. O apóstolo tinha recebido um certo grau de revelação do Senhor que em parte tinha levantado o véu que cobria o mistério. Alguns crentes estarão vivos na volta do Senhor. Nem todas as pessoas terão morrido; porém, vivos ou mortos, todos serão transformados quando o Senhor voltar. O corpo corruptível de carne e sangue será transformado em corpo de ressurreição. Os pensadores gregos que rejeitavam uma ressurreição corpórea, teorizando que o material é inerentemente corrupto, estavam errados. Desde o princípio, Deus declarou que o universo material é bom. **Transformados seremos todos** e isso não implica imaterialidade para os cristãos na era vindoura.

Versículo 52. Quando vier o fim, o tempo terá se esgotado. A primeira vinda do Senhor deu-se no fim

³⁹Joachim Jeremias, “Flesh and Blood Cannot Inherit the Kingdom of God,” *New Testament Studies* 2. (1955–56), pp. 151–59.

⁴⁰Garland afirmou que Jeremias “interpretou erroneamente a linha de pensamento de Paulo”. Disse que Paulo só estava reiterando a ideia da “condição da existência humana física” usando “paralelismo de sinônimos” (Garland, p. 741).

de um longo processo de prefiguração e predição. A segunda vinda (Hebreus 9:28) será diferente. Ele virá inesperadamente, como um ladrão à noite (Mateus 24:43; Lucas 12:39; 1 Tessalonicenses 5:2; 2 Pedro 3:10). O tempo para desenvolver a confiança, o arrependimento e a esperança terá terminado. **Num momento** (ἐν ᾧτόμῳ, *en atomō*), num piscar de olhos, os acontecimentos transformadores ocorrerão pelo poder de Deus. Na língua inglesa e também na portuguesa, emprestamos a palavra grega usada aqui, aplicando-a à matéria e denominando os blocos de construção da existência material de “átomos”.

O apóstolo deixou seus leitores impressionados com a espontaneidade desses eventos. Ele usou a metáfora de uma chamada de trombeta para anunciar o fim (veja Mateus 24:31; 1 Tessalonicenses 4:16). Quando a trombeta soar, disse ele, **os mortos ressuscitarão incorruptíveis**, os vivos e todos nós seremos **transformados**. O corpo da ressurreição deixará para trás as imperfeições da carne. O resultado será um corpo celestial e incorruptível.

Paulo não parou para desmentir falsos ensinamentos – um arrebatamento, por exemplo, ou um reinado milenar de Cristo na terra. Ele deixou a descrição das ruas de ouro e de uma cidade quadrangular para a poesia das visões apocalípticas de João (Apocalipse 21:16–21). Nesta era de fé, o povo de Deus deve simplesmente confiar “nAquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o Seu poder que opera em nós” (Efésios 3:20). A preocupação do apóstolo era estabelecer para os crentes que a vida eterna que Deus prometeu em Cristo consiste numa existência corpórea. Nesse contexto, Paulo não tinha nada a dizer sobre aqueles que estão fora de Cristo. Sua preocupação era com os salvos.

Versículo 53. A seguir, o apóstolo declarou positivamente o que havia expressado negativamente em 15:50. Apesar de a forma do corpo mudar, Paulo enfatizou que haverá uma continuidade entre o que os cristãos são enquanto esperam a volta do Senhor e o que eles serão quando a trombeta soar. **Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade.** A existência tanto nesta era quanto na vindoura, segundo Paulo, envolve uma unidade de corpo e espírito.

Versículo 54. O apóstolo dos gentios não imaginava qualquer existência sem corpo, em que o espírito flutuaria ou seria absorvido numa “alma do mundo”. Nenhum questionamento da existência corpórea aparece na declaração de que **o que é mor-**

tal [deve] **se revestir de imortalidade**. Em outros trechos, o apóstolo escreveu sobre o cristão na era vindoura usando a metáfora de revestir-se de Cristo. É como colocar uma peça de vestuário. Quando a ressurreição é o tema, “revestir-se” sinaliza uma mudança em preparação para a existência eterna. Explicar *como* aqueles que estiverem vivos tirarão um corpo em troca de outro na volta do Senhor e como os mortos se revestirão do corpo de ressurreição estava fora da esfera do interesse imediato de Paulo.

Quando a trompete soar e o que é “mortal” se transformar em “imortalidade”, estará cumprida a revelação de Deus que acontece desde o princípio dos tempos. A citação do apóstolo de Isaías 25:8 é breve, mas vai direto ao ponto: **Tragada foi a morte pela vitória**. É improvável que Paulo quisesse que seus leitores compreendessem as palavras de Isaías como uma referência exclusiva à *parousia* do Senhor, ao momento em que a última trombeta soará. Essas palavras tinham seu próprio significado no contexto do profeta, mas Paulo julgou-as apropriadas para os eventos que ele estava descrevendo. (Veja os comentários sobre 15:27.)

Versículo 55. Os expositores do texto bíblico costumam se frustrar ou até se confundir com a facilidade com que Paulo e outros autores do Novo Testamento citaram o Antigo Testamento e o aplicaram à execução da vontade de Deus através de Cristo. A citação de Oséias não é exceção; e não é feita aqui palavra-por-palavra. O texto de Oseias 13:14 diz: “Onde estão, ó morte, as tuas pragas? Onde está, ó inferno, a tua destruição?”. O relacionamento de Deus com Efraim era o assunto em Oseias, mas Paulo foi ousado o suficiente para usar a linguagem do profeta para expressar o grito de vitória daqueles que vencem a morte através do Senhor Cristo Jesus.

O apóstolo personificou a morte e o túmulo para zombar deles. “Onde está você”, dizia ele à morte, “agora que o Filho de Deus trouxe a graça de Deus para a humanidade?” Por séculos, a morte foi a conclusão inevitável da vida. Paulo adaptou as palavras de Oseias para: “Você, Morte, não tem vitória nem espinho. Em Cristo, a vida é nossa”.

Em geral, Paulo abordou vários problemas em 1 Coríntios. Ele estava tentando ajudar uma igreja atormentada por dissensões internas, instabilidade moral e confusão doutrinária a encontrar seu caminho. Na maior parte das vezes, ele evitou aventurar-se nas grandes formulações doutrinárias características em seus escritos; mas as doutrinas estão presentes, não muito longe da superfície. O

apóstolo deixou bem marcadas as distinções entre a teologia prática, a moral, a sistemática e a bíblica para os cristãos posteriores trabalharem. Moralidade e doutrina não são dois caminhos que divergem e se unem conforme a ocasião; são inseparáveis.

Versículo 56. Em Romanos 4—7, Paulo tratou das implicações da lei e da “obediência por fé” (veja Romanos 1:5 e 16:26) pelo dom gratuito de Deus em Cristo Jesus. Convinha que ele escrevesse à igreja romana, talvez quatro ou cinco anos depois, enquanto passava o inverno em Corinto (veja Atos 20:2, 3). Era muito característico de Paulo atrelar a citação de Oseias 13:14 a um comentário: **O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei**. Com toda a probabilidade, os cristãos coríntios haviam ouvido repetidamente os pronunciamentos de Paulo sobre o pecado e a Lei durante seu tempo com eles (Atos 18:11). Por meio de Seu sacrifício na cruz, Jesus tinha puxado as presas do pecado e privou-o de sua picada; Ele havia anulado a Lei com o dom gracioso de Deus.

Versículo 57. Por total iniciativa de Deus, o pecado, a morte e a lei podem agora ser vistos como jamais foram vistos antes da vinda do Senhor. Deus deu aos cristãos **a vitória**. É uma vitória que vem pela fé, por **nosso Senhor Jesus Cristo** (ver 1 João 5:4). Quando já era mais velho, Agostinho escreveu sobre as tentações enfrentadas pelos fiéis. No fim, ele citou esta passagem de 1 Coríntios e disse que entre nossos pecados muitas vezes está a “esperança de obter a vitória por nossa própria força, ou atribuí-la quando conquistada à nossa própria força, e não à Sua graça...”⁴¹ O ponto do teólogo é válido, desde que o crente não esqueça a responsabilidade humana na obediência por fé.

A esperança do cristão é assegurada porque Cristo experimentou uma ressurreição corpórea dos mortos e, conseqüentemente, haverá uma ressurreição geral. Sem o túmulo vazio de Jesus, a vitória da cruz seria vazia. Era impensável para os coríntios virar as costas para a convicção básica da fé cristã de que todos os crentes viverão para sempre com Ele, que foi as primícias da ressurreição do corpo. Este mundo, com toda a sua incerteza, vício e dor, só é tolerável por causa da esperança de vida eterna.

CONCLUSÃO (15:58)

⁵⁸Portanto, meus amados irmãos, sede fir-

⁴¹Agostinho, *A Cidade de Deus*, 22.23.

mes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão.

Versículo 58. Paulo concluiu seu ensinamento sobre a ressurreição corpórea enfocando suas implicações para a vida. Porque a ressurreição está garantida, Paulo exortou seus leitores a renovar a fidelidade a Cristo. A escatologia do Novo Testamento, ou seja, o conceito da volta do Senhor, serve para estimular a vida cristã fiel, tanto em suas aplicações morais como em suas aplicações confessionais. Embora os crentes obedientes sejam salvos pela graça através da fé, à luz da nossa posição de peregrinos, devemos ser **sempre abundantes na obra do Senhor**. Devemos ser abundantes porque sabemos que, **no Senhor, o nosso trabalho não é vão**. Devemos trabalhar sabendo que cada um de nós um dia ressuscitará para receber um corpo espiritual e reinar com o Senhor eternamente.

Paulo exortou os crentes a viverem em um elevado patamar moral e a trabalhar dando muitos frutos em Cristo. O fato de a salvação ser pela graça através da fé não elimina nossa responsabilidade de realizar para boas obras ou trabalhos abundantes. Porque Deus é cheio de graça, o trabalho fiel no reino é ainda mais essencial, para que outros sejam trazidos para a Sua graça.

DESTAQUES

Que tipo de corpo?

Durante séculos, os céticos zombaram dos cristãos por confiarem na ressurreição corpórea. Esses zombadores criaram cenários como este:

Um homem come uma maçã. Seu corpo digere o fruto, e suas moléculas e átomos estão espalhados pelo seu sistema. Logo ele morre e é enterrado. Com o tempo, o local do sepultamento é esquecido e alguém planta uma macieira diretamente sobre seu cadáver deteriorado. As raízes chegam ao solo, e a árvore é fertilizada pela matéria orgânica. Moléculas e átomos do corpo do homem morto são absorvidos na formação de novas maçãs que são comidas por outros homens. Os mesmos elementos, ao longo do tempo, passam a fazer parte, portanto, de dois corpos diferentes.

São infinitas as variações propostas para essa história, mas a questão final é a mesma: na ressurreição, qual corpo irá reivindicar átomos e moléculas que passaram a fazer parte de mais de um corpo?

Os céticos modernos continuam a levantar as

mesmas objeções que os gregos apresentaram a Paulo. “Como ressuscitam os mortos? E em que corpo vêm?” (15:35). A resposta de Paulo foi adequada tanto para o mundo antigo como para o moderno. As perguntas, disse ele, eram irrelevantes. Quando os saduceus desafiaram Jesus a explicar como seria na ressurreição, a resposta do Senhor foi semelhante: “Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus” (Mateus 22:29).

Paulo deixou claro que Deus criou corpos de diferentes tipos: Ele os criou com glórias e diferentes (1 Coríntios 15:35–41). O apóstolo deu poucos detalhes sobre a natureza do corpo da ressurreição, mas declarou isto claramente: “A carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus” (15:50). É seguro dizer que os corpos dos crentes na era vindoura estarão tão integrados com as forças eternas da vida que a unidade será perfeita e completa. Deus não se limita a átomos e moléculas que são os blocos de construção da vida terrena. *A herança do povo de Deus será uma vida corpórea moldada por Deus para uma existência celestial*. Ainda que a vida celestial tenha uma continuidade com a vida neste mundo na consciência e talvez até na aparência, é certo que o corpo celeste não será feito da mesma carne e sangue da era atual.

Vida Após a morte

Os arqueólogos aprendem muito sobre povos antigos examinando seus costumes de sepultamento. Algum tempo atrás a revista *Archaeology* (setembro/outubro de 1997) dedicou um artigo aos citas, um povo antigo que viveu ao norte do mar Negro até o terceiro século a.C.⁴² O túmulo de um importante chefe tinha sido escavado. Ele fora encontrado em uma câmara com jóias, armas, alimentos e outras coisas julgadas necessárias na vida futura. O principal conselheiro desse importante homem fora estrangulado e enterrado com ele. Até o seu cavalo tinha sido morto e colocado dentro do mesmo túmulo. Perto de sua sepultura, outro túmulo continha o corpo de uma mulher importante, talvez sua esposa. Ela também trazia os utensílios para a vida no além. Sua escrava, uma adolescente, fora estrangulada e colocada no túmulo com ela.

Os citas não eram os únicos que acreditavam na vida após a morte. As pirâmides do Egito e o vale

⁴²Jan Chochorowski e Sergei Skoryi, “Prince of the Great Kurgan,” *Archaeology* 50. Setembro/Outubro de 1997, pp. 32–39.

dos Reis são testemunhos dos esforços que os povos antigos fizeram na esperança de vida após a morte. Como os citas e os egípcios, os cristãos prevêm uma vida além desta. Em que a esperança cristã é diferente? Ela é melhor fundamentada do que a de outros povos? Não há outro trecho da Bíblia em que um autor tenha escrito sobre a ressurreição com tantos detalhes como fez Paulo em 1 Coríntios 15.

De acordo com Paulo, não dá para falar de vida após a morte exceto no contexto da crucificação e ressurreição de Jesus. “Mas, de fato, Cristo ressuscitou dentre os mortos” (15:20). De acordo com a mensagem do evangelho que ele proclamou, as Escrituras e a história giram em torno da morte, sepultamento e ressurreição do Senhor (15:3, 4). Embora as três confirmações sejam fundamentais para o evangelho, somente a ressurreição estava sendo questionada em Corinto. Por essa razão, Paulo detalhou as aparições de Jesus a testemunhas, algumas das quais ainda estavam vivas quando Paulo escreveu (15:5–8). Tão centrais são os fatos do túmulo vazio e das aparições de Jesus às testemunhas que esse assunto nunca se desvanece no Novo Testamento. A ressurreição é o fato fundamental do qual decorrem todas as reivindicações da divindade de Jesus:

“A este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas” (Atos 2:32).

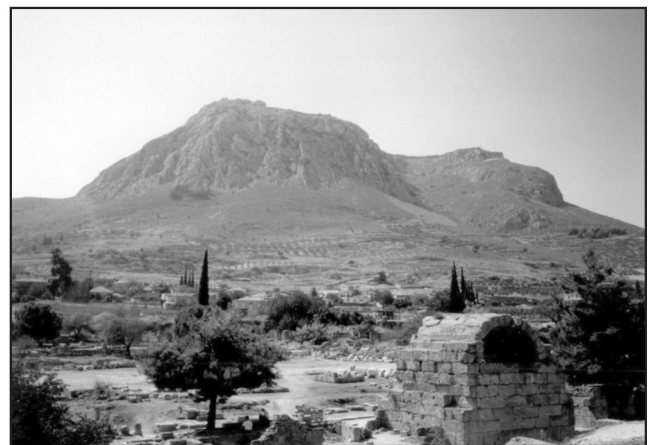
“Dessarte, matastes o Autor da vida, a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, do que nós somos testemunhas” (Atos 3:15).

“Mas Deus O ressuscitou dentre os mortos; e foi visto muitos dias pelos que, com Ele, subiram da Galileia para Jerusalém, os quais são agora as suas testemunhas perante o povo” (Atos 13:30, 31).

Nas cartas de Paulo, a ênfase não é diferente: 1 Coríntios 15 não é o único texto em que Paulo proclamou Jesus e este ressuscitado dentre os mortos. Em Romanos 1:4, ele escreveu: “[Jesus] foi designado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade pela ressurreição dos mortos, a saber,

Jesus Cristo, nosso Senhor”. Nos relatos dos Evangelhos, Lucas e João foram os que mais falaram da ressurreição. Lucas contou como as mulheres foram ao túmulo no início do primeiro dia da semana e o encontraram vazio. Dois anjos estavam lá, e um perguntou às mulheres por que procuravam os vivos entre os mortos (Lucas 24:1–5). O evangelista falou também de dois homens que estavam caminhando para Emaús naquele mesmo dia. Jesus juntou-Se a eles, conversou com eles, e depois desapareceu (Lucas 24:13–31). João descreveu uma ocasião em que o Senhor apareceu a alguns de Seus discípulos no mar da Galileia (João 21:1–14).

A única maneira de nos informarmos sobre qualquer acontecimento do passado é por meio de testemunhas que vivenciaram o acontecimento e o descreveram para as gerações futuras. A confiabilidade dos relatos depende do tipo de pessoas que eram as respectivas testemunhas, do acesso delas aos fatos, do que realmente viram em contraste com o que era boato, e de quais reais intenções podem ter tido para contar o que viram. Em qualquer critério que se tomar, a ressurreição de Jesus dentre os mortos é um dos acontecimentos mais seguramente confirmado da história.



Acrocorinto com uma loja em Corinto no primeiro plano: de um local de escavação, esta é a vista para o leste/sudeste. (Foto de David Stewart)

Autor: Duane Warden
© A Verdade para Hoje, 2018
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS